

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 2

Fevereiro de 1914

Ano LXVI

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

CAMPANHAS COLONIAIS

A ocupação do Oio na provincia da Guiné

Nesta hora em que o resurgimento da Patria reclama a maior dedicação e zelo por parte de todos nós, exigindo que acima dos interesses e conveniencias pessoais um outro mobil, mais puro, de maior grandeza moral, guie os nossos passos e estimule as nossas acções, é deveras consolador para os sinceros amantes deste país vêr o nobre e alevantado exemplo que nos vem dalém mar, dado pelos officiaes e praças do exercito colonial.

Ali, mais uma vez, todos os que têm a honra de envergar o uniforme de soldado, conscios da responsabilidade, que sobre eles impende, como se o seu procedimento fosse ó reflector das qualidades civicas dum povo, que muitos supõem moribundo, patenteiam ao mundô inteiro, assombrando-o, que não morre uma Nação, que tantos exemplos de amôr patrio, dedicação e ânimo pode dar a outros povos, que dispondo de maiores recursos financeiros, não conseguem empanar sequer o brilhantismo dos actos de bravura e coragem praticados hoje, como ontem, e como sempre, no sertão africano, dominando as tribus gentilicas e impondo-lhes a supremacia — comquanto pese aos seus detractores —, do nome portuguez.

Assim o atestam as últimas campanhas e acções militares realizadas no ultramar quer na Guiné, quer na Lunda e ainda em Timor.

Todas as brilhantes qualidades que a sciencia moderna da guerra exige a um official: iniciativa e resolução pronta, bravura, prudencia, reflexão, zelo, dedicação, energia e acção disciplinadora, tiveram a honra de as pôr em pratica aquêles dos nossos camaradas que entraram nas referidas operações.

E se entre os officiais, modelos há a imitar, tambem por parte das praças muitos exemplos há a seguir, o que nos deve enobrecer, mormente no momento presente, em que os inimigos da Patria e das instituições apregoam aos quatro ventos que a indisciplina da força pública é um facto, de impossivel desmentido.

Pois bem.

O desmentido ei-lo.

São os sacrificios, as agruras, o suplicio da fome e da sêde, o sentir a cada momento o enfraquecimento organico pela acção deprimente dum clima, que não perdôa; são as marchas fatigantes através do sertão, numa vigilancia continua, avançando sempre, porque recuar é morrer, na incerteza de perder a vida numa emboscada traiçoeira; são emfim todos os perigos que constituem o apanagio das campanhas coloniais, caracterisando-as.

E tudo isto o nosso soldado sofre, hoje, como ontem, repetimo-lo, sem um desfalecimento, sem tibieza, solícito e devotado cooperador da acção dos officiais, e forçoso é confessa-lo — porque ainda se eleva mais o seu valôr — sem o conforto e os cuidados, que as nações coloniais, as grandes potencias, como é do estilo dizer-se, dispensam aos seus soldados, mercê da riqueza de que dispõem.

E hoje, que com a organização miliciana do nosso exercito, o soldado pouco permanece nas fileiras, pode dizer-se que serão as colonias a sua verdadeira escola militar, pois que ali irá aprender a ser realmente um soldado.

Num interessante estudo, há pouco publicado em França pelo coronel Gory, mostra este official que as guarnições coloniais — excepção feita daquelas onde as tropas se limitam á acção enervante da vida de caserna — constituem em tempo de paz, principalmente para os quadros, a verdadeira escola de guerra, onde os officiais e sargentos podem desenvolver e aperfeiçoar as suas qualidades militares, para ulteriormente serem os conselheiros e instrutores, por assim dizer, dos seus camaradas metropolitanos.

Numa expedição colonial, diz o coronel Gory, todos os oficiais e sargentos terão, por vezes, ocasião de proceder com a mesma independência e responsabilidade que, na grande guerra, cabe a oficiais de elevada patente.

E, assim, quer na ocupação duma região longiqua, ou na repressão duma revolta gentilica, os acidentes das operações terão sempre como consequencia sobreexcitar em grao elevado as energias individuais de todos os militares fazendo parte da colúna de operações, e é o aperfeiçoamento destas energias, que desenvolverá entre todos, graduados e soldados, *melhor que o possam fazer em tempo de paz as manobras de outôno*, o sangue frio, a resolução pronta, a iniciativa, a coragem da responsabilidade e todas as outras qualidades que dão valor a um homem de guerra.

Sendo as condições das campanhas coloniais mui diferentes da guerra europeia, afirmam alguns, que a experiencia daquelas campanhas utilidade alguma pode trazer aos quadros, quando tenham de entrar em operações de grande vulto, subordinadas á estrategia e tactica de grande guerra.

Mas se observarmos — nota o coronel Gory — que a diferença entre os dois generos de guerra residem na amplitude, na natureza e na conduta das operações bem mais do que nas acções individuais, que ambos exigem, torna-se difficil contestar que todo aquele que tenha combatido — não importa onde, nem contra que inimigo — está mais apto para combater de novo, *mesmo se as condições são outras*, do que um outro, que só tem limitado a sua acção a entrar *como figurante* num simulacro de operações.

O primeiro tem uma noção positiva do valor pratico dos processos de combate de que tenha já feito uso; o segundo não tem sobre o assunto opinião definida, e só pode basear-se no que lhe ensinam os chefes ou os regulamentos.

Os oficiais e sargentos, que tenham cooperado em campanhas coloniais, tem sobre os seus camaradas as vantagens adquiridas ali pela pratica de muita coisa a cujo respeito os regulamentos são mudos e que a pratica das manobras de outôno não substitue senão incompletamente.

Desenvolvendo a sua tese, o coronel Gory termina por afirmar que em França, desde 1871, os militares que têm cooperado nas expedições coloniais são os unicos do exercito francês

que têm adquirido alguma experiencia dos trabalhos, fadigas e das diferentes provas a que a guerra submete os combatentes, e ainda os unicos, que têm aprendido a combater duma forma bem diferente do que a que se dá nos inofensivos simulacros das manobras de instrução.

Vem estas considerações a proposito para mostrar que algum valor têm os actos de heroismo praticados nas campanhas coloniais, que muitos desdenham, e ainda que nelas se desenvolve em extremo a iniciativa dos officiaes, como é prova bem frisante o acto praticado há pouco na nossa provincia da Guiné pelo capitão de infantaria João Teixeira Pinto, chefe de estado maior do quartel general da mesma provincia, que por um acto de audacia conseguiu — sem para tal estar preparado — montar na hostile região do Oio um posto militar.

Operações efectuadas

No intuito de ocupar a região do Oio, de longa data insubmissa, impondo assim ás suas tribus o imposto de capitação, para que pelo aumento de receitas se podesse iniciar naquella provincia uma epoca de prosperidade pela adopção de medidas de fomento, foi resolvido pelo governo da mesma provincia estabelecer um posto militar em porto Mansôa para, juntamente com os postos de Bissoran e Caranque-Cunda, se poder pôr um cêrco á região do Oio.

Oferecendo-se então o chefe de estado maior, capitão de infantaria João Teixeira Pinto, resolveu este official ir a Porto-Mansôa e disfarçando-se em inspector da casa Saler, unica casa commercial ali existente, atravessou o Oio, de Mansôa a Farim e de Farim a Mansôa.

Poude então reconhecer, que efectuar ataques pelo lado de Farim seria absolutamente impossivel pela densidade e disposição das matas, que de quilometro a quilometro são atravessadas por planicies em direcção perpendicular á marcha sobre Mansaadé e Mansabá, pontos, que devem constituir o objectivo principal a atingir quando se leve a efeito o ataque a Oio.

A resistencia a temer, tenaz e intensa, seria a das tribus dos soninqueses, pois que a outra parte da população de origem moura, não queria a guerra.

Concluiu, pois, aquelle official que o ataque só poderia ser

levado a efeito pelo lado de Geba-Gussará ou Mansôa Bisso-ran, optando-se por este último ponto visto ir-se ali montar um posto militar.

Restava uma dificuldade a vencer: a organização e constituição da força, visto que na provincia estavam mui desfalcados os efectivos das unidades, e não convinha desfalcar os dos postos já montados.

Ficou assente, então, organizar a colúna, na sua quasi totalidade, com forças irregulares recrutadas em Geba pelo chefe de guerra Abdul Injac, homem que, dispondo sobre os seus subordinados de uma grande supremacia, era ao mesmo tempo um valente e arrojado auxiliar.

Organizou-se, assim, a colúna: comandante, capitão de infantaria João Teixeira Pinto; ajudante, tenente Pimenta; artilharia, uma secção com duas peças de 7,5 m/82; infantaria, sob o comando do tenente Antas, com um efectivo de 230 praças indigenas; serviço de saude, capitão-medico, Pinho e Cruz, sargentos enfermeiros, Semedo e Afonso; serviços administrativos, 2.º sargento Antonio Ribeiro Vilaça.

Montagem do posto em Porto Mansôa

Organizada a colúna foi pedida a cooperação da marinha de guerra, que, representada pela lancha-canhoneira *Flexa*, do comando do 2.º tenente Queimado de Sousa, prestou relevantes serviços.

Terminados todos os preparativos chegou a colúna em 29 de março a Porto-Mansôa, não sem haver vencido insuperaveis dificuldades, não só em Goli, por ocasião do embarque do pessoal e gado, mas ainda durante a passagem do rio Geba tanto por causa do reboque das lanchas como por causa da captação de agua para se beber e para se confeccionar os ranchos.

Efectuado o desembarque ocupou-se a posição, que foi defendida por um ligeiro entrincheiramento de sacos com terra.

Na manhã de 30, quando se procedia á operação de preparar o terreno onde se ia estabelecer o posto, e que estava guardado por postos de irregulares, á cossaca, recebeu a colúna a comunicação, de que ia ser atacada por gente de Mansôa e do Oio.

Dada a ordem para que as forças só rompessem o fogo quando o gentio estivesse mui proximo, este, vendo no silencio

da coluna um sintoma de fraquesa, avançou resolutamente até 50 metros da posição, rompendo fogo vivo, a que então respondeu a coluna, e, assim, durante 4 horas, se manteve o tiroteio, conseguindo-se no fim deste espaço de tempo pôr os atacantes em debandada.

Nesta defesa se salientou o tenente Pimenta, que sobre o telhado da casa, que transformou em posto de observação, indicava as posições e distancias a que estava o inimigo.

No dia imediato, 1 de abril, o inimigo iniciou novo ataque sendo obrigado a retirar depois de mais de quatro horas de fogo.

Neste ataque prestou importante serviço a canhoneira *Flexa*, que com os seus fogos impediu que a posição fosse envolvida pelo flanco e retaguarda, mostrando muita valentia o 2.º tenente, Raul Queimado de Sousa que dirigiu sempre o fogo junto das metralhadoras e completamente sem protecção.

Em 2 atacava o gentio mais uma vez a posição, mas pela menor duração do ataque se depreendeu, que o desanimo ía invadindo as suas fileiras e que decerto as suas perdas nos três ataques efectuados eram elevadas.

Resolveu então o comandante da coluna, que dois irregulares de Abdul-Injac, que conhecessem bem a região, fossem ao Oio, como espiões, observar o que se passava.

De volta desta missão informaram os espias, que a gente do Oio, aterrada com as derrotas sofridas, pois tinham perdido muitos dos seus, havia, resolvido aguardar uns dias, para tomarem então a resolução definitiva de ou tomarem a ofensiva ou manterem-se apenas na defensiva, aguardando a acção da coluna.

Esta atitude por parte do gentio arreigou no espirito do capitão Teixeira Pinto a ideia de aproveitar a ocasião e estender a sua acção indo bater o gentio do Oio.

E nesta orientação, como trabalhos preparatorios, pediu ao administrador de Bafatá, levantasse o maior numero possivel de fulas, indo construir tabancas de guerra, na fronteira do Oio, entre Gendum e Gussará, para constituir para o gentio uma constante ameaça por aquele lado, evitando assim, que eles em massa caissem sobre o posto estabelecido em Mansôa ou ainda sobre a coluna, que lhes invadissem o seu territorio.

Em 14 de abril, novo ataque á posição ocupada, mas sem resultados para os assaltantes, e na tarde desse mesmo dia apre-

sentaram-se alguns grumetes dos que habitavam a região de Mansôa e doutras regiões, os quais vinham apresentar-se e informarem-se das condições que lhes eram impostas.

Foi-lhes indicado que deveriam entregar todas as suas armas pagando aqueles, que não haviam entrado no ataque, o imposto de palhota relativo a 1912-1913, ao passo que os que tinham feito parte das praças atacantes a Mansôa ficavam obrigados, além da entrega do armamento, a três anos de imposto.

Como o gentio se não aproximasse e os dias decorressem sem que ele, atendendo ás condições impostas, se viesse apresentar, entregando o armamento, e ainda por varios incidentes que se deram, levaram ao comando da coluna a apreensão sobre a fixação do posto de Mansôa, cuja guarnição poderia vir a sofrer algum revez, logo que a força retirasse.

Um só meio restava: obrigar o gentio a apresentar-se, o que implicitamente obrigava a bater a região do Oio, a fim de que, desfazendo a lenda da sua invencibilidade, se estabelecesse de vez o socego na região e as tribus pacificas podessem afoitamente acolher-se á acção protetora da bandeira portuguesa.

Assente nesta resolução, o capitão Teixeira Pinto, tendo a opinião de que as derrotas do Oio haviam sido devidas á má qualidade dos auxiliares, sendo, pois, preferivel ter sobre as suas ordens menos gente, mas mais segura e manejavel, avança para o Oio, levando uma peça de artilharia, com um sargento, 4 cabos e dois soldados indigenas de artilharia, e 400 irregulares, escolhidos e sob o comando do chefe indigena Abdul-Injac.

A marcha e ocupação do Oio

Era audacioso o acto que se ia praticar, e se, ao contrario do que felizmente se deu, a tentativa tivesse sossobrado, não seriam poucos os censores da arrojada iniciativa do capitão Teixeira Pinto, marchando de mais a mais ao encontro do inimigo, com uma coluna constituida, por assim dizer, por irregulares!

É sempre assim nos accidentes de campanha: os actos de audacia e de atrevimento, ou são coroados de exito e os seus autores são denominados heroes, ou caem no extremo oposto e os heroes transformam-se nuns ineptos e incompetentes.

Jogou o comandante da coluna, uma cartada, não resta a menor duvida, e os transe aflitivos porque deveria ter passado ao

vêr, por vezes, sossobrar o seu plano, só poderá aquilatar, quem tenha tomado uma tão grande responsabilidade.

Mas, o capitão Teixeira Pinto não vacilou; ao avançar, tendo feito de antemão o sacrificio da vida, pensou que, ou levaria de vencida o inimigo, por um *raid* audacioso, ou morreria.

Não resta duvida, porém, de que não deveria ele ter avançado, sem avaliar bem a responsabilidade em que incorria, porquanto da derrota que podesse sofrer, embora ele perdesse a vida, adviria uma situação bem mais grave e desairosa, do que a até então existente.

Mas, venceu, e hoje só merece louvores quem enalteceu mais uma vez no sertão africano o nome português, exaltando a Patria e honrando o exercito e a armada.

Efectuára-se a marcha a 14 de abril — e iniciára-se por um contratempo serio: os carregadores, cujo espirito se apavorou com a idéa do acto que se ia praticar, fugiram, e nessa fuga, causando embaraços, obrigaram a avançar a coluna sem os generos, sendo necessario impôr aos balantas, o carregar com as munições da peça.

A marcha iniciára-se ás 7 horas da tarde, e como se o tempo quizesse opôr-se ao seu avanço, uma torrencial chuva não deixou de incomodar a coluna, desde as 11 horas da noite até ás 3 da madrugada, deixando todos completamente encharcados, pois os lençoes impermeaveis e os panos das tendas-abrigos, não se poderam aproveitar, porque foram empregados em cobrir os cunhetes de polvora da peça para os livrar da agua.

No entanto ás 6 horas da manhã a coluna entrava no territorio do Oio.

Era a seguinte a sua ordem de marcha: na frente o guia e 100 homens de guerra do chefe Abdul; a seguir o quartel general com a peça de artilharia e os soldados indigenas, e na retaguarda destes os auxiliares fulas e o resto da gente de Abdul.

A coluna nesta disposição marchava em fila indiana, ou seja a um de fundo.

O caminho era ladeado por mato tão espesso e cerrado, que a dez metros de distancia nada se via.

O inimigo aguardava os nossos, pois que a certa altura da marcha se ouviu o sinal chamando o gentio á guerra e efectivamente pouco depois rebentava o fogo, ficando logo mortos dois auxiliares e um gravemente ferido.

Ao fogo respondeu a coluna, avançando sempre, no intento de alcançar a sanzala outabanca de Cambain, onde o gentio tinha construído uma forte palissada, que foi tomada e destruída, sendo os atacantes repelidos para o mato.

Ali acampou a coluna, até que pela tarde foi novamente atacada, mas conseguiu-se, após 2 horas de fogo, repelir os assaltantes, perseguindo-os. Nesta defesa da posição e durante a marcha tivemos 3 mortos e 13 feridos, e consumiram-se 44 tiros de peça e 44.000 cartuchos Sneider e Kropatscheck.

A marcha não se pode considerar um passeio militar pois que difilmente os graduados conseguiram impor-se aos auxiliares e á força indigena, pois uns e outros se achavam dominados por um pavor indescritível, chegando os irregulares fulas, por duas vezes, a tentar fugir.

Um outro contratempo veio ainda aumentar as dificuldades do caminho.

Ferido gravemente num ouvido, o chefe indigena Bacari Suncaro, não quiz ele, com uma coragem e dedicação digna dos maiores louvores, abandonar a coluna, com receio que os fulas fugissem o que teria obrigado á retirada, com grave risco para todos.

No dia seguinte novo ataque se efectuou, pretendendo o inimigo envolver o quadrado, o que não conseguiu, sendo repellido com grandes perdas.

Tornando-se necessario evacuar os feridos e ainda alcançar comestiveis para os europeus, pois que estes se estavam alimentando com milho guisado com carne dos porcos que viam roer os cadaveres, resolveu-se enviar um comboio a Porto Mansôa.

Organizado o comboio, e defendido convenientemente, só seguiram nele três feridos dos mais graves, pois que os restantes negaram-se a abandonar a coluna.

Espiões, enviados ás terras do inimigo, vieram informar que nas suas fileiras lavrava já o desanimo pelas derrotas sofridas, mas que ele preparava o nucleo da sua resistencia no caminho de Cambain a Morés, para o que estavam já cortando abatizes e abrindo covas.

Pela sua tatica tradicional a gente do Oio, só combate embuscada nos matos que orlam os caminhos e ao redor das tabancas, construídas em geral nas clareiras, mas apoiadas nos matos.

Não se defendem dentro das tabancas; introduzem-se em covas no mato, em torno das tabancas, e daí fazem um nutrido fogo.

Os cspiões informaram ainda que nas tabancas, na direcção de Canvalíd, haveria muita resistencia, pois que ali era, por assim dizer, a população constituída por soninquêses puros, os quais ameaçavam os mouros que quizessem submeter-se.

Perante estes factos resolveu o capitão Teixeira Pinto avançar na direcção norte.

A marcha efectuou-se sem incidente de maior, a não ser a fuga de 12 indigenas, balantas, o que veio causar transtorno, pois que passava o trabalho fatigante do transporte da peça a ser feito apenas por seis turnos de dois homens.

Mas, principalmente o que causou um grande suplicio ás tropas, foi a falta de agua, pois que o inimigo envenenara todas as fontes, fazendo os nossos sofrer terrivelmente, por não poderem saciar-se, achando-se demais a mais extenuados pelas longas marchas já efectuadas.

No dia 24 de manhã, chegava o comboio não sem alguma dificuldade na sua marcha de regresso, e no dia imediato a coluna seguia na direcção de Dandun, com o objectivo de destruir Beraco e ocupar Unfarim.

Conseguiu-se chegar até proximo de Beraco, sem fogo, mas aí o gentiu defendeu-se tenazmente, o que no entanto não impediu o avanço da coluna, e uma hora depois chegava esta a uma planicie, declarando então o guia que desconhecia o caminho!

Era critica a situação: os auxiliares sabendo o que se passava, começaram a mostrar-se inquietos, aproveitando-se habilmente o inimigo da confusão, para se aproximar da coluna e redobrar a intensidade do fogo.

De Dandum, o comandante da coluna, mandou a Bissoram pedir guias e, como calculava que eles não poderiam tardar, ordenou o avanço das forças naquela direcção até que, encontrando posição favoravel podesse descançar.

O inimigo, ao vêr este movimento, atacou a coluna ainda mais fortemente, mas felizmente pouco depois, apareciam os guias e a coluna, retrocedendo, atacou o gentio com energia, conseguindo assim abrir caminho, e avançar até Unfarim.

Continuou a sentir-se a falta de agua, tornando-se necessa-

rio ir buscal-a muito longe o que constituiu um grande desanimo e sofrimento atroz pois que, pela falta de agua, quasi todos se mantiveram 24 horas sem comer.

No dia 27 a colúna seguiu para Canvali, que foi tomada e destruída, e depois para Cajungulo, e no dia 29 na direcção de Maqué, Canico e Manambo, mas sempre debaixo de fogo.

De Canico para Manambo o inimigo conseguiu dividir a colúna envolvendo a parte da retaguarda onde vinha o chefe Abdul.

Neste momento mostrou uma coragem inaudita o 2.º sargento d'infantaria, Antonio Ribeiro Vilaça, que não esperando o apoio dos irregulares, que se estava preparando, meteu o seu cavalo a galope na direcção da parte envolvida, conseguindo, por este rasgo de audacia e desprezo da vida e ainda com alguns tiros certos, levar a perturbação ao inimigo e abrir caminho á colúna.

Destruída a tabanca de Manambo a colúna segiu para Samsambatam e Iracumda.

Em Samsambatam existia uma grande mesquita onde se sa-gravam os fidalgos do Oio, e que as forças destruíram.

A resistencia aumentou á medida que a colúna ia penetrando no Oio, e na marcha para Morés, os fulas tornaram a manifestar um medo invencível, no que eram secundados pela guarnição da peça, excepção feita do 1.º cabo Antonio Ribeiro Moers, que conseguiu sempre impor-se ás restantes praças.

Com a tomada de Mansoadé ficou quebrada a resistencia do gentio.

Pacificado o Oio montou-se ali um posto militar.

Não pouco trabalho deu ao comando, a Abdul e aos seus chefes, para convencer os indigenas de que tendo a colúna até ali saído vitoriosa, cousa alguma havia a recear, e que a vitoria favorecia as nossas armas.

Impunha-se a organização dum comboio para levar feridos e trazer munições, mas como os exploradores houvessem informado, que no caminho Morés-Mansoadé estavam abrindo buracos no chão, dum e outro lado, e colocando arvores atravessadas para atacarem, abrigados, a colúna na sua marcha, resolveu

o capitão Teixeira Pinto fazer uma demonstração sobre Mansoadé seguindo depois o caminho Cudié-Mambodgo-Mansoadé.

Ordenou ainda ao comboio que em vez de regressar a Morés se dirigisse e Cudié onde aguardaria a chegada da colúna.

A 3 de junho abandonaram as nossas forças o acampamento dirigindo-se para Cudié.

Ia desenrolar-se o ultimo ato do drama para cuja ensenação muito tinha a fazer o saber dos officiais e graduados, pois que a tomada de Mansoadé seria o aniquilar do prestigio dos souniqueses no Oio e o quebrar da sua lendaria invensibilidade.

Mal tinha percorrido 1.600 metros encontrou a colúna duas matas mui cerradas a um e outro lado do caminho, que se achava cortado perpendicularmente por uma forte paliçada, que aparecia nas duas matas.

O inimigo rompendo o fogo feriu logo gravemente um irregular, que morria no dia seguinte, e mais tres indigenas.

Feito fogo de lanterna e descargas de infantaria para as duas matas, as forças avançaram e, destruindo a paliçada, conseguiram atingir Cudié, que igualmente destruíram a fogo, não sem que o inimigo tivesse, sequer por momentos, abandonado os nossos, pois que constantemente fizeram um nutrido fogo.

Como não só o pessoal do comboio, que já havia regressado a Cudié, como as forças da colúna estavam lutando com sede, foi-se em procura d'agua, que só se encontrou a mais de uma hora de caminho de Cudié e já um terreno Mansôa.

Outro comboio foi enviado a Mansôa conduzir feridos e trazer munições, pois que durante a marcha efectuada debaixo do fogo havia sido grande o seu consumo.

Dado ás forças o descanso indispensavel e ainda para levantar o seu nivel moral, que apesar das vitórias alcançadas se conservava ainda abatido, tal era o prestigio que o nome do gentio inimigo sobre os indigenas exercia, poz-se a colúna novamente em marcha para atingir o seu objectivo principal — o tomada de Mansoadé.

Como precaução, ordenou-se, que, embora fosse atacada, a colúna não respondesse ao fogo inimigo, para evitar o despendio de munições; além de que, marchando-se de madrugada, era provavel, que os espias da escolta houvessem recolhido ás tabancas conseguindo-se assim avançar sem se ser presentido.

A essa data o efectivo da colúna era apenas de 6 europeus. 320 irregulares e 4 soldados indigenas!

Mas não havia que trepidar: a honra impunha o dever de avançar, pois que parar ou retroceder seria a morte e o descalabro completo para o prestigio do nome português.

Marchou-se enfim.

O estratagema surtiu efeito: a colúna poudo alcançar Mambongó onde atacou o inimigo por surpresa, destruindo-lhe a tabanca, embora o gentio opuzesse uma tenaz resistencia, tendo as nossas forças tres feridos de gravidade.

Aproxima-se a ultima scena. E, cousa curiosa, os chefes subalternos do valoroso Abdul, que até então haviam dado mostras da sua muita coragem, vacilaram!

E vacilaram, porque a gente de Mansoadé havia propalado o boato de que *não fortificara a sua tabanca porque a fortificação estava no peito dos seus homens!!*

Que influencia moral e de que prestigio não dispunha o inimigo!

Tornava-se necessario um rasgo de audacia; sem ele todos os trabalhos sofridos e todos os esforços empregados ficariam esteris.

Foi então que o capitão Teixeira Pinto mandou avançar a peça e colocando-a entre ele e Abdul voltou-se para os irregulares e disse: «Cobardes, podeis voltar para traz, porque eu e Abdul irêmos sós morrer a Mansoadé».

O efeito foi magico.

Operou-se uma completa reviravolta, e aqueles valorosos soldados, a quem o epiteto de cobarde havia chicoteado as faces, lançaram-se para a frente numa marcha entusiastica como se pretendessem sufocar na embriaguez do momento o receio e o desalento que os minava!

O ataque a Mansoadé foi rude, sofrendo os nossos algumas baixas, mas a resistencia do gentio foi vencida, tendo ele tido grandes perdas pois abandonaram no campo muitos mortos!

Efeitos da vitória alcançada

Foi de um efeito immediato o castigo aplicado ao gentio.

No dia seguinte a gente de Mansoadé apresentava-se a pedir paz desejando conhecer quais as condições que lhe seriam impostas.

Foi-lhe determinado a entrega imediata do armamento, o que eles fizeram trazendo desde logo 66 espingardas e 49 espadas, alegando não apresentarem mais porque a gente estava espalhada no mato, além de que a gente de Mambongo, e Mansoadé pediam lhe fosse concedida a paz.

O capitão Teixeira Pinto aceitando como sinceros os protestos de fidelidade do gentio disse-lhe, que iria montar um posto em Mansabá mas que ao menor sinal de hostilidade a guerra recomeçaria, ainda com mais impetuosidade.

Efetivamente no dia seguinte era estabelecido o novo posto, hasteando-se a bandeira portuguesa com a solenidade do estilo e os grandes da terra vinham pedir paz!

Simple mas tocante foi essa cerimonia no sertão africano, perante os vitoriosos da vespera e os vencidos, até então insubmissos e hostis á nossa autoridade.

Ao tremular a bandeira, simbolo veneravel da Patria, deviam sentir-se orgulhosos do feito praticado todos os que, pondo no engrandecimento dela todo o seu amôr e dedicação, acabavam de vêr atingido o seu ideal e objectivo.

Nêsse soléne momento já ninguem se lembrava das agruras passadas e dos riscos corridos, para só se regosijarem com o bélo serviço que acabavam de prestar ao país.

Estava vencida a resistencia do inimigo e necessario era completar a acção militar, entrando-se desde logo num periodo de administração.

Procedendo-se á construção do posto continuaram os soninqueses a apresentarem-se e tendo sido chamados todos os chefes das tabancas foi-lhes comunicado, que deviam começar desde logo, a pagar o imposto de palhota, e como tributo de guerra o pagamento referir-se-ia aos últimos três anos.

Iniciada a cobrança ela atinjiu, em poucos dias, a cifra elevada de 29:327\$900!

Melhor que todos os louvores falam mais por si estes números, que representam bem a importancia do castigo aplicado aos indigenas.

Dignos dos maiores elogios são pois, todos os que ao lado do capitão Teixeira Pinto contribuíram para a vitória alcançada, o que prova, como dissémos ao iniciar esta despretenciosa crónica dos acontecimentos no Oio, que longe de amesquinhamos o valor das campanhas coloniais, devemos, pelo contrario, en-

grandece-las, pois que é engradecer a instituição armada, cuja honra os representantes nas nossas colonias têm sempre mantido e enobrecido.

Honra pois, aos valentes soldados que levaram aos confins do Oio a supremacia da nossa bandeira, devendo agora não deixar de se colher os frutos de tanto trabalho e risco, tratando a valer, com método e precisão, de, captando a simpatia do gentio, tornar efectiva e ríal essa supremacia, para que não se vá perder tanto esforço, energia e tenacidade.

Terminadas as operações propôz o governador da Guiné a concessão das seguintes recompensas aos oficiais e praças que nelas mais se haviam distinguido,

Ao capitão. d'infantaria, João Teixeira Pinto, a medalha de ouro de valor militar, «pelos actos heroicos praticados como comandante de uma diminuta força de tropas regulares, apoiada por uma pequena força de auxiliares, que operou nas regiões de Mansôa e Oio, conseguindo estabelecer apesar da grande resistencia, um posto militar, repelindo com toda a energia os diferentes ataques do inimigo que lhes foram feitos, obrigando-o a aceitar a nossa autoridade, entregando o seu armamento e fazendo o pagamento do imposto, e bem assim pela valentia in-excedível, valôr extremo, e coragem, difficil de egualar, praticando actos de verdadeiro heroismo para o estabelecimento de um posto militar em Mansabá (capital de Oio), submetendo á obediencia aqueles povos, considerados invenciveis, devido a terem já inflingido desastres a colunas muito superiores em numero, e que se não poderiam reduzir á obediencia, apesar dos seus esforços, tendo para isso de tomar debaixo de fogo violentissimo, desaseis tabancas de guerra, onde o gentio bem armado e municiado se defendeu corajosamente, devido á sua enorme superioridade numerica, e conseguindo, depois de inumeros trabalhos e perigos, quebrar o valor guerreiro do já lendario Oio, desarmando-o e recebendo o imposto de palhota dos ultimos três anos, provas inequivocas de submissão, pela primeira vez dada pelos povos rebeldes da Guiné».

Ao 2.º tenente da armada, Antonio Raimundo da Costa Santos Pedro, a medalha de prata de bons serviços, «pela forma como apoiou com a canhoneira do seu comando a coluna, mostrando sempre muito boa vontade em auxiliar o comando da mesma, nos diferentes serviços, que se tornaram necessarios

desempenhar, portando-se com toda a coragem e valentia nos ataques feitos ás forças em Porto Mansôa e ainda pelo auxilio prestado no rio de Farim, no desembarque dum grupo de irregulares, que ali operaram para a tomada de Bathur, concorrendo assim de uma maneira eficaz, para o bom exito das operações realizadas».

Ao 2.º tenente da armada, Raul Queimado de Sousa, a medalha de prata de bons serviços, «pelos serviços que prestou com a canhoneira do seu comando, apoiando a coluna para estabelecimento de postos militares nas regiões de Porto Mansôa e Oio, distinguindo-se no trabalho que teve no embarque dos irregulares e cavalos em Goli, nos reboques dados para conseguir tirar as lanchas fora do porto onde a corrente é velocíssima atravez do Impernal e Rio Mansôa, pelo auxilio prestado durante a marcha e desembarque da coluna, não se poupando a fadigas para que as embarcações seguissem sempre em ordem e nos lugares que lhes foram indicados, garantindo por esta forma uma eficaz defêsa e ainda porque, tendo-lhe sido destinado um sector para bater com os fogos da sua canhoneira, desempenhou este serviço com todo o valor, evitando, que o gentio da margem esquerda do rio Mansôa, fôsse auxiliar o da margem direita nos ataques feitos á posição occupada pelas forças de terra, conservando-se sempre vigilante e exposto ao fogo do inimigo, pela falta de posição do local de onde dirigiu os fogos, demonstrando assim muito valor, coragem e energia».

Ao tenente d'infantaria, Artur de Sampaio Antas, a medalha de prata de bons serviços, «pela forma como dirigiu os serviços da coluna durante as marchas de 26 a 29 de março, procurando por todos os meios, que as forças distribuidas pelas diferentes embarcações de que estava encarregado, conservassem a disciplina, estando prontos a repelir qualquer ataque, e ainda pela maneira distinta porque comandou o seu pelotão nos dias 30 de março, 1 e 2 de abril, durante os ataques feitos pelos povos da região, para obstar á construção do posto, mostrando muito valor, energia e sangue frio, durante o fogo, especialmente num dos momentos criticos em que os atacantes se aproximaram a 39 metros da posição».

Ao tenente de infantaria, Henrique Alves de Ataíde Pimenta, a medalha de prata de bons serviços, «pela maneira como sempre se distinguiu no desempenho das suas funções de ajudante

da coluna, especialmente nas marchas de 26 a 29 de março, em que demonstrou uma atividade notável, obtendo que as praças distribuídas nas diferentes embarcações se conservassem sempre prontas para repelir os ataques do gentio, auxiliando, assim, com toda a sua boa vontade e energia, o comandante, e pela muita coragem, valentia e serenidade, que sempre mostrou debaixo de fogo em todos os ataques, distinguindo-se nos dias 30 de março e 1 e 2 de abril, em que se conservou no ponto mais visível do bivaque, donde fez posto de observação, exposto aos tiros do inimigo, que o alvejava constantemente, por estar completamente desabrigado, auxiliando o comandante da coluna, com indicações das posições do inimigo, o que muito concorreu para que o mesmo fôsse repellido com bastantes baixas, devido á correção das alças e justêsa do tiro empregado».

A medalha de prata de valor militar, ao 2.º sargento d'infantaria, Antonio Ribeiro Vilaça, pela extrema dedicação manifestada para o bom exito das operações, não se poupando a fadigas e trabalhos no embarque dos irregulares e cavalos no porto de Goli: pelo valor, coragem e abnegação, de que deu provas em todos os combates, chegando essa abnegação ao extremo de, quando em 29 de maio, durante uma marcha da coluna, que estava sendo violentamente atacada, conseguiu, debaixo de fogo violentissimo do inimigo, restabelecer as comunicações e incutir animo aos irregulares, que haviam sido separados do grosso da força, estando envolvidos, restabelecendo, assim, a primitiva disposição da marcha, e ainda porque, *tendo-se encarregado da ambulancia, devido a não haver enfermeiro, tratou com todo o carinho os 35 feridos, que houve durante o serviço da coluna no Oio, devendo-lhe alguns deles a vida, pelo seu muito cuidado e desvelo que teve, não deixando de lhes fazer curativo apezar dos seus muitos afazeres».*

Ao 1.º cabo artilheiro, Antonio Ribeiro Moërs, a medalha de prata de valor militar, «pela sua valentia e provas de valor, que sempre deu com toda a serenidade, e ainda por se conservar sempre pronto para auxiliar o comando nos variados serviços, que se tornou necessario executar, animando nos momentos criticos, o restante pessoal europeu, tornando-se um valioso auxiliar».

Ao administrador da circunscrição civil de Geba, Vasco de Sousa Calvet de Magalhães, a medalha de ouro de serviços dis-

tintos no ultramar, «pela forma como auxiliou os serviços da coluna, reunindo, mercê do seu grande prestígio na circunscrição, os irregulares que dela fizeram parte, não se poupando a trabalhos e fadigas para conseguir, que se juntassem em Goli, tornando-se necessario acompanhá-los numa marcha violenta; pelos actos de valentia praticados, quer em Porto Mansôa, onde sempre se conservou junto do tenente Pimenta, fazendo fogo na defêsa do bivaque, quer nos ataques que dirigiu ás tabancas do norte da região do Oio, tendo para isso de organizar dois nucleos de irregulares para ocupar Bofate e Bathur, mostrando sempre a maxima dedicação e coragem e prestando um auxilio notavel para o bom exito final das operações».

Foram os officiaes e praças acima mencionados, e ainda o administrador de Geba, Calvet de Magalhães, os que mais quinhão de gloria e trabalho tiveram nessa façanha colonial, que ficará memoravel na historia da colonisação e occupação da Guiné.

Afora, porém, o administrador Calvet de Magalhães, por quem o conselho colonial se não pronunciou, aos restantes, officiaes e praças, incluindo o proprio comandante da coluna, capitão Teixeira Pinto, restará a consciencia do dever cumprido, e o louvor consignado nas suas folhas de matricula, porquanto, cingindo-se á rigorosa interpretação do respectivo regulamento, lhes denegou o Supremo Tribunal Militar, o direito de serem condecorados com as medalhas para que haviam sido propostos, por não considerar os serviços prestados, dignos dessas recompensas.

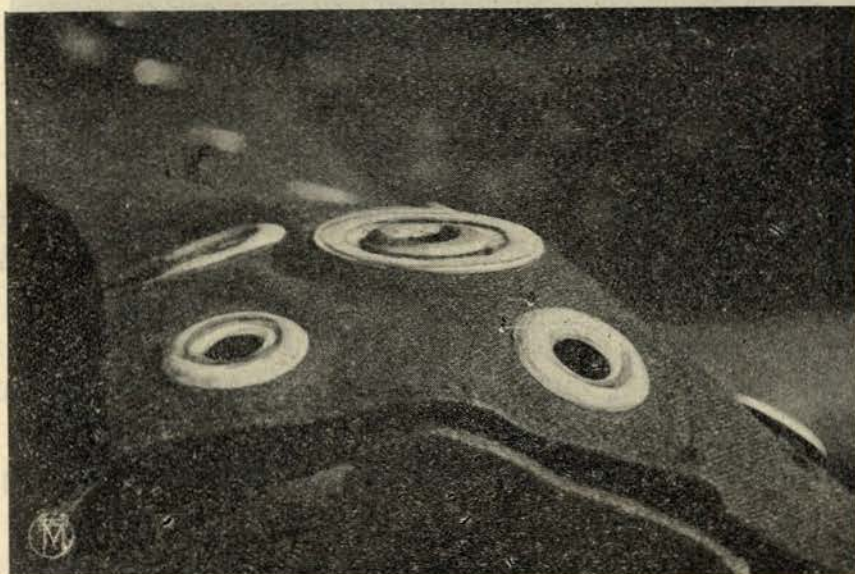
E. B.

NOVO MODELO DE PROTECTOR

DO

PONTO DE MIRA

Das diferentes comissões técnicas que, desde 1911, funcionam no exercito, como sucessores das denominadas *comissões de aperfeiçoamento*, uma das que com mais dedicação e assiduidade se tem consagrado ao estudo de quantos melhoramentos

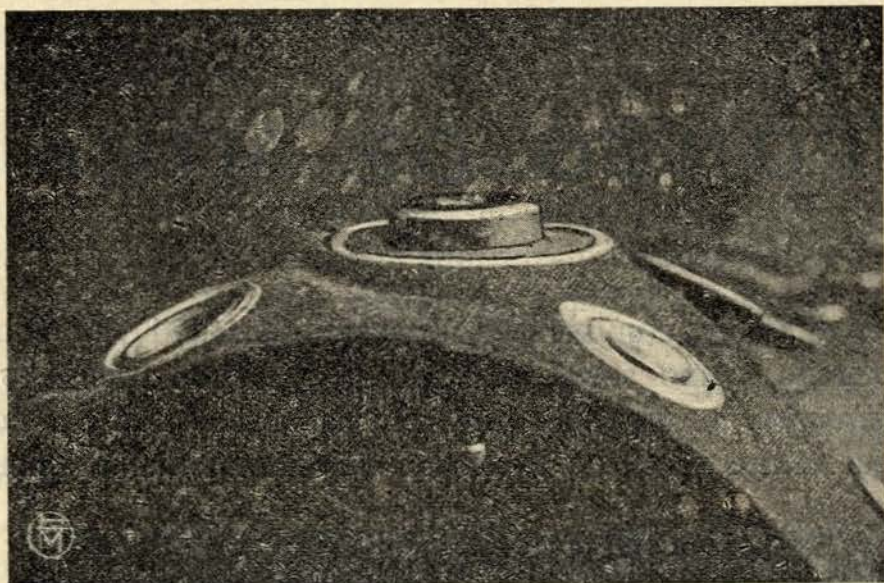


Topo de tenda abrigo, tendo a espingarda o novo protector
e não tendo os olhais rebatidos

e progressos possam ser introduzidos na arma a que corresponde, é incontestavelmente a de infantaria, que tem produzido muito e valioso trabalho.

Não existindo ainda publicado o regulamento daquelas comissões, prescrito pelo artigo 495.º da lei organica do exercito, apesar de se encontrar já elaborado, não têm sido dados á pu-

blicade — como tanto conviria — nem talvez até redigidos, relatórios dos trabalhos anuais das referidas comissões, e assim são desconhecidos no exercito muitos dos assuntos sobre que tem versado o seu estudo, como ignorados são muitos dos trabalhos produzidos.



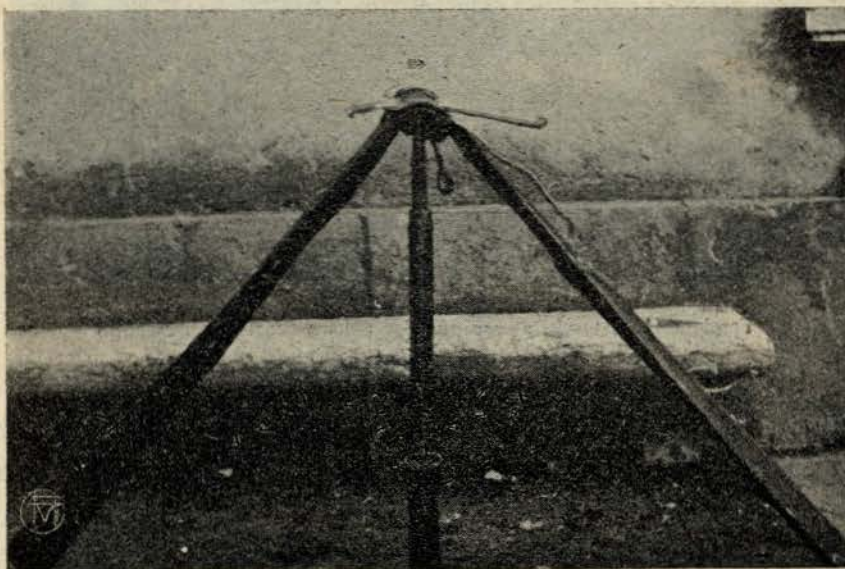
Topo de tenda abrigo, tendo a espingarda o novo protector e estando os olhais rebatidos

Da Comissão técnica de infantaria consta que brevemente vai ser apresentado um relatório geral, que compendia todo o trabalho efectuado desde a constituição da comissão em 1911 até ao fim de 1913, relatório a que muito convirá dar a maior publicidade possível, pelo interesse que o seu conhecimento deve ter para os oficiais da arma.

Quando ele venha a ser publicado, reconhecer-se-ha quão justificada é a afirmação com que iniciamos este artigo.

Sem nos querermos antecipar a esse relatório, diremos contudo que basta enunciar alguns dos trabalhos executados e de que temos conhecimento, para se avaliar do fecundo labor da aludida comissão que, no curto espaço de 2 anos e meio tem produzido: o regulamento provisório para a instrução tática da infantaria, experimentado em 1912, e juntamente as instruções anexas para o ensino de gymnastica, esgrima de baioneta, estabelecimento de bivaques, organização e instrução dos pelotões de telegrafia optica e de ciclistas; o actual regulamento para a instrução tática da infantaria, revisão do de 1912, e para

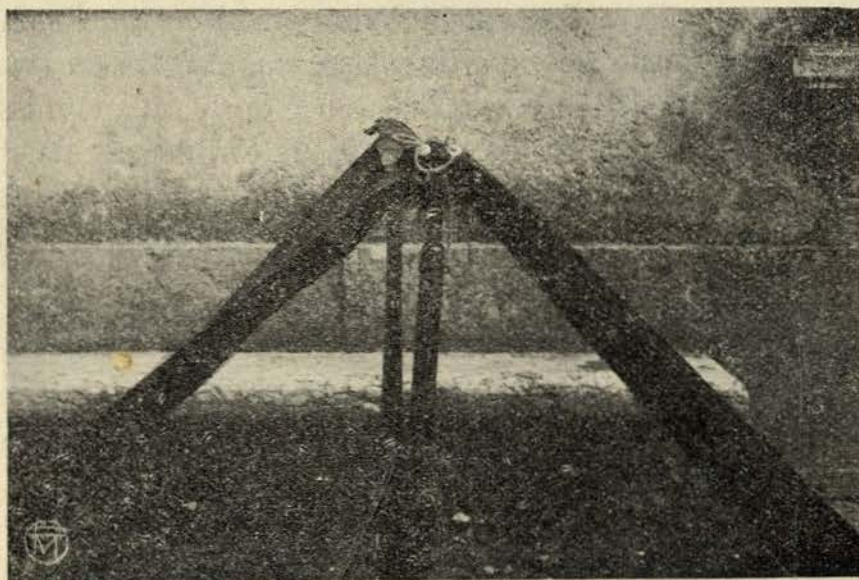
o complemento do qual falta apenas publicar os denominados *anexos* — já todos elaborados — e que versam sobre esgrima de baioneta, instrução dos chefes de grupo, sinais e toques de corneta e estabelecimento de bivaque; as instruções de 1912 sobre gymnastica, devidamente revistas, e que foram entregues á comissão especial incumbida de redigir o novo *Manual de gymnastica*; a revisão das instruções de 1912 para os pelotões de ciclistas e de telegrafia optica, a qual originou um projecto de regulamento para os *agentes de ligação* da infantaria, trabalho já discutido e aprovado, embora a titulo provisório, e que, segundo parece, foi proposto se experimentasse nas escolas de recrutas e de repetição de 1914; reviu, discutiu e aprovou a comissão o actual regulamento para os trabalhos de fortificação da infantaria, o qual tinha sido primitivamente elaborado por sub-comissões especiais, presididas por delegados da antiga comissão



Tenda-abrigo, tendo as espingardas o novo protector e não estando os olhais dos panos rebatidos

de aperfeiçoamento da arma e nomeadas em fins de 1909; estudou a comissão técnica, e bem cuidadosa e dedicadamente, as definitivas modificações a introduzir no equipamento m/911 — que encontrou adquirido no avultado numero de 25.000 equipamentos e correspondentes mecanismos para a sua confecção —, produzindo o equipamento m/912 para praças de pré, que fez experimentar numa extensa marcha de 319 quilometros, e hoje aprovado e regulamentar para as tropas de arma, estu-

dando tambem desde logo e publicando em folheto — de muito limitada tiragem aliás — a nomenclatura, modo de armar, equipar e desequipar, limpeza e conservação do referido equipamento ; estudou e organizou seguidamente os equipamentos ^{m/912} para official apeado e montado de infantaria, ambos tambem experimentados naquela marcha ¹, superiormente aprovados e regulamentares na arma desde dezembro de 1912, em que os respectivos padrões foram depositados no Arsenal do Exercito.



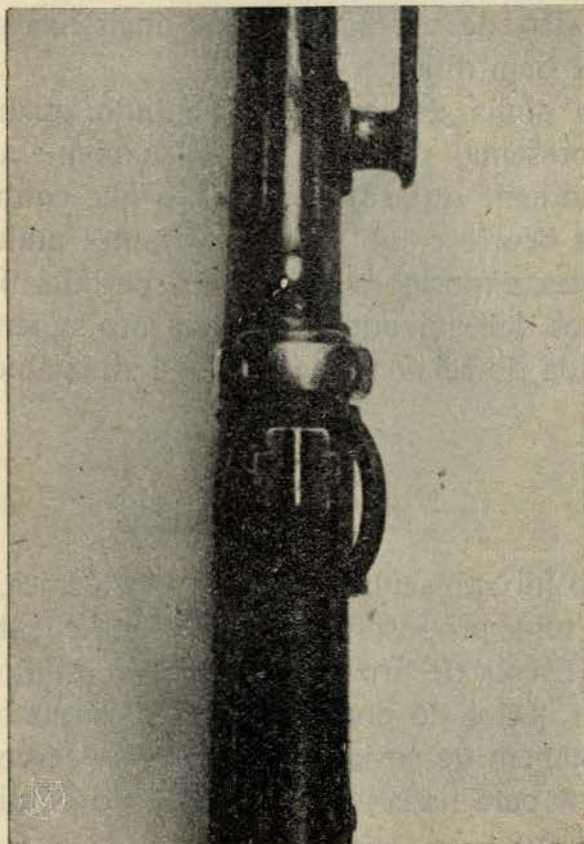
Tenda-abrigo, tendo as espingardas o novo protector e estando os olhais dos panos rebatidos

Sendo as marmitas e cantis de aluminio artigos extremamente caros e que têm de ser importados do estrangeiro, a comissão de infantaria procurou e obteve a sua substituição por outros mais economicos e que pudessem ser fabricados no país, adoptando, ligeiramente modificada, a marmita inglesa de ferro estanhado e seguidamente um cantil do mesmo metal, com a fórmula e dimensões do actual de aluminio, sendo a economia alcançada de véras valiosa. Segundo consta, a comissão procede actualmente á elaboraçào de umas Instruções definitivas e com-

¹ Os relatorios da Comissão técnica e dos officiais que dirigiram a grande marcha de experiencia de 319 quilometros, todos respeitantes ao estudo do equipamento ^{m/912} para praças de pré e para officiais, foram publicados na *parte não official* das Ordens do Exercito. Á execuçào da marcha nos referimos em artigo inserto no n.º 9 da *Revista Militar* de 1912, pag.^s 706 a 713.

pletas para uso do equipamento m/912, tanto para praças de pré como para oficiais.

Por iniciativa da comissão técnica acabou o emprego das estacas de madeira para as tendas abrigos e foram mandadas adoptar cavilhas de ferro de secção quadrada, as quais foram já usadas com excelente resultado nas ultimas escolas de repetição.



Espingarda com sabre-baioneta e o novo protector
Vista de frente

Trabalho importante foi tambem o regulamento para a instrução completa das unidades de metralhadoras, e ainda sobre metralhadoras expoz já a comissão o seu parecer quanto á mais conveniente constituição das unidades, condenando, segundo parece, a actual organização em grupos divisionarios, pronunciando-se abertamente pelas metralhadoras regimentais e ainda preconizando o sistema de tracção a dorso, em substituição da tracção por viaturas.

Da iniciativa da comissão de infantaria é ainda a série de

estudos e experiencias que, ha cerca de um ano, vêm sendo effectuadas no Deposito Central de Fardamentos, sob a direcção do distinto official que se encontra á testa deste estabelecimento, para se obter um uniforme de campanha de côr identica á da tela dos novos equipamentos, isto é de tom *gris-vert*, tendo-se alcançado já mescla de lã para capotes e feltro para capacetes de côr excelente e fixa quanto possivel, havendo, ao que parece, fundadas esperanças de alcançar em breve um tecido de algodão de côr identica e o mais fixa possivel, problema este de bem difficil solução.

Bastava a sóma de trabalho que tudo quanto deixamos apontado representa, para justificar plenamente a nossa asserção, mas é evidente que só indicámos o que conhecemos e de momento nos ocorre como mais importante; muitos outros estudos, consultas, exposições e pareceres de iniciativa da comissão uns, outros determinados pelas estações superiores, constarão sem duvida do relatorio geral a que atrás aludimos.

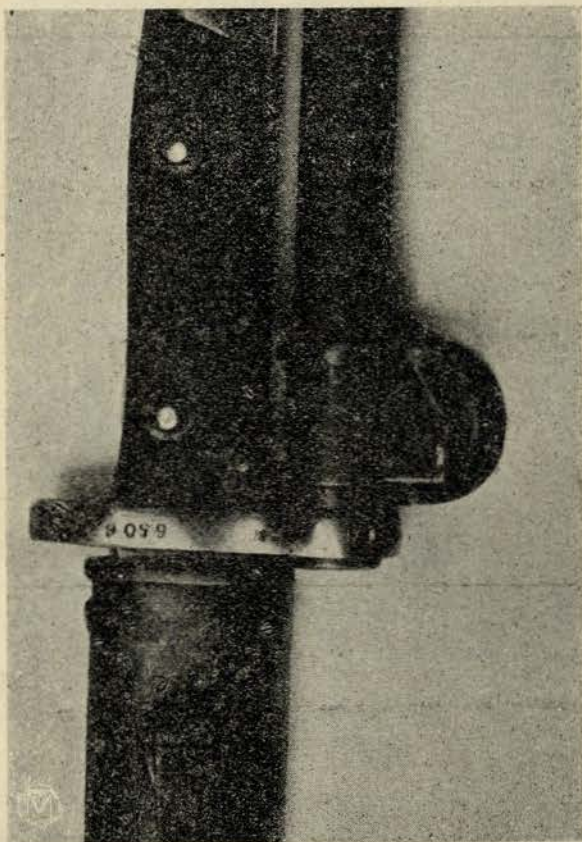
*
* *
*

Ha tempo foi apresentada á Comissão técnica, por um dos seus vogais, uma proposta largamente fundamentada, para ser incumbida a Escola de tiro de Infantaria do estudo de um novo modelo de protector do ponto de mira, pois que o actual, a par da unica vantagem de custar apenas 5 réis — e certamente por isto mesmo! — para nada servia, como é do dominio de todos os officiais da arma.

Aprovada a proposta, foram requisitados ao Arsenal do Exercito todos os modelos de protectores do ponto de mira de que dispuzesse e pedidas a todos os regimentos da arma propostas e indicação de novos modelos que facilitassem o estudo e pronta solução do assunto na Escola de Mafra.

Nesta foi constituida uma comissão de officiais que, tendo reunido todos os elementos de estudo que lhe foram enviados, se consagrou ás experiencias necessarias, optando afinal por um modelo de protector apresentado pelo Regimento de Infantaria N.º 7. A essa comissão fora porém agregado como perito o habil serralheiro-espingardeiro da Escola de tiro, David Motta, de ha muitos anos ali em serviço, o qual, ao efectuar o modelo

que lhe fora indicado, por sua vez e inspirado nele, apresentou á comissão um outro mais simples e não menos eficaz. Estudado devidamente, a comissão escolar deu por fim preferencia ao protector do ponto de mira do espingardeiro Motta e, com o seu relatório, enviou este modelo e bem assim o de Infantaria 7 á Comissão técnica.



Espingarda com sabre-baioneta e o novo protector
Vista de lado

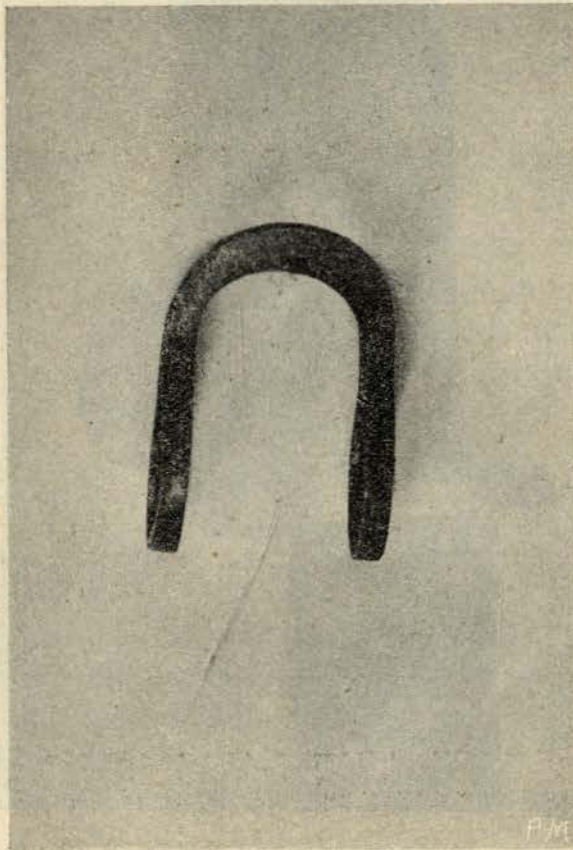
Não houve nesta qualquer discrepancia de opinião: unanimemente foi votado aquele modelo como o que deveria ser preferido.

Discutido o assunto, foi resolvido que se fizessem confectuar alguns dos novos protectores para se experimentarem ainda nas ultimas escolas de repetição.

Apenas foi possível obter 20 protectores e, com autorização superior, foram mandados experimentar na escola de repetição de setembro ultimo e sucessivamente nos Regimentos de Infantaria N.ºs 5 e 16. unidades a quem foram mandados formula-

relatorios ácerca das vantagens e inconvenientes reconhecidos no novo modelo.

O tempo consagrado ás experiencias era porém tão pouco e o numero de protectores tão pequeno, que, embora os dois relatorios lhes não fossem absolutamente desfavoraveis, a experiencia não foi julgada sufficiente para a Comissão técnica emi-

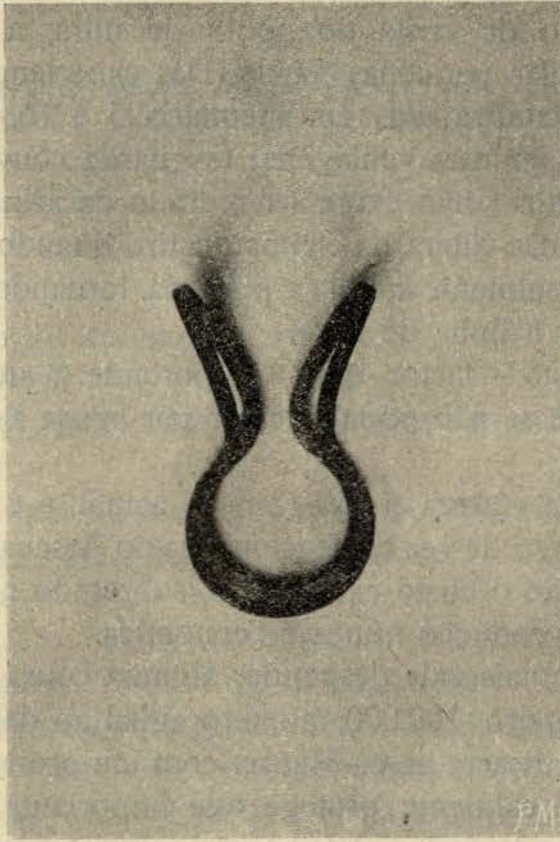


Protector do ponto de mira
Visto de lado

tir sobre eles parecer e opinião segura. Um defeito foi porém apontado que exigia immediata modificação no modelo ensaiado: devido á espessura do aro cilindrico do protector, que abraça o cano da espingarda pelo lado de cima do ponto de mira, verificou-se que era difficil enfiar os 2 olhais dos panos de uma tenda-abrigo, ao armar esta, por ficar pouco espaço livre até á boca do cano.

Voltou pois o modelo do protector para Mafra e na Escola de tiro foi devidamente modificado até se reconhecer que ca-

biam os olhais dos panos da tenda no extremo livre do cano ¹,



Protector do ponto de mira
Visto de frente

Em vista deste resultado, decidiu a Comissão técnica solicitar — segundo se refere — que no Arsenal do Exército fossem manufacturados 100 protectores e distribuidos depois a dois regimentos de infantaria para serem postos em experiencia durante a proxima escola de recrutas. Finda esta, deverão os mesmos-regimentos enviar á Comissão técnica relatorios contendo resposta a varios quesitos por ela formulados, afim de, em caso favoravel, ser definitivamente apresentada ás estações superiores uma proposta sobre o assunto.

¹ Algumas das fotografias mostram como ficam os panos de tenda com os respectivos olhais enfiados no cano da espingarda, quando apresentam a altura habitual; outros mostram disposição identica, mas sendo os olhais previamente rebatidos, operação facil de executar e para a qual a Comissão estudou um aparelho adequado, muito simples.

As fotografias que acompanham este artigo dispensam longa descrição do protector, que se limita a um aro de aço, formando uma volta cilíndrica para abraçar o cano e duas orelhas para resguardo da crista do ponto de mira, a cuja base se prende por duas pequenas garras. Das experiencias realizadas em Mafra e confirmadas em Infantaria 5 e 16, deduz-se que apresenta as seguintes vantagens: resguarda convenientemente o ponto de mira; não exige ser retirado da arma para execução do fogo; não altera os efeitos do tiro quando colocado na espingarda; finalmente auxilia a pontaria, tornando mais facil ao atirador tomar a linha de mira,

O seu custo — factor muito importante a atender, *infelizmente* — é que se não pôde calcular por agora a quanto montará.

Não é com certeza 5 réis como o actual, e é possível que, a não serem logo de vez confeccionadas no Arsenal algumas dezenas de milhar, o custo exceda \$10, sobretudo neste estabelecimento cuja produção nunca é economica.

Entretanto mais vale despende alguma cousa e mandar até vir do estrangeiro 100.000, numero igual ao das espingardas de 6^{mm},5, mas ficar a nossa Mauser com um protector do ponto de mira que realmente protege este importante elemento da pontaria, evitando a sua deformação e pronta deterioração ou ainda uma frequente substituição, do que continuarmos a ter o ponto de mira inteiramente desprovido de qualquer resguardo, exposto a todas as brutalidades e faltas de cuidado do nosso soldado . . . mas muito satisfeitos porque o actual e inutil protector adoptado em 1907 custa . . . 5 réis!

Lisboa — Dezembro de 1913.

P. S.

As grandes manobras francesas em 1913

(Continuação de pag. 57)

2.º periodo de manobras (16 a 17) ¹.

Hipotese geral para o 2.º periodo das manobras

«Supõe-se que na margem esquerda do Garonna se empenhou uma acção geral entre os exercitos *P* e *C*, tendo por teatro a região do Gimone e do Arrats.

Na tarde do dia 15 de setembro o exercito *P* ocupa na margem esquerda do Garonna as alturas entre os vales do Gimone e do Arrats, compreendendo Aubiet e Beaumont-de-Lomagne inclusivè, tendo os seus elementos mais avançados occupado ao cair da noite os pontos de passagem do Gimone.

O exercito *C* está na margem direita dèste rio, com os postos avançados a cerca de 1.000 metros do rio, e em contacto com os postos avançados do inimigo.»

O general Chomer recebeu do seu general em chefe as seguintes *Instruções* :

Q. G., Lavour — 15-IX-913

8 h.

«Guardas-avançadas inimigas passaram o Aveyron (afluente do Tarn) a noite passada. O grosso das *forças vermelhas* continuam o seu movimento geral de retirada, dirigindo-se sobre a linha do Tarn. A minha intenção é dar batalha sobre essa linha, onde o grosso das minhas forças estará instalado a 16 de

¹ O descanso deveria durar só 24 h., mas depois a *Direcção* resolveu que fosse de 48 horas.

setembro segundo a frente geral *Frontou, Rabastens, Albi*, etc. Conto pronunciar o meu principal esforço sobre a direita, onde espero reforços, vindos de Castres, O recuo do grosso do partido vermelho, vindo de Aveyron sobre o Tarn, descobre o flanco do exercito C ás forças azuis, desembocando de Montauban.

O exercito C deverá retirar durante a noite de 15/16 sobre o Save, continuando a cobrir as principais comunicações com o Sud'oeste e a cidade de Toulouse, cujo estado de defeza está sendo organizado.

A nossa coluna extrema de Oeste vem colocar-se hoje entre o Garona e o Tarn, sobre Fronton, tendo-lhe sido dada ordem para destruir os pontes de *Bauret, Verdun-s.-Garona e Grisoles*. Minas, prontas a funcionar, tem sido preparadas sobre as principais passagens do Save, a jusante de *Lombez*. A sua organização fica á vossa disposição».

O exercito do general Pau recebeu tambem as seguintes *Instrucções* :

Q. G., em Cáhors, — 15-IX-913-8 h.

«O inimigo continua a sua retirada sobre o Tarn, e as nossas vanguardas passam hoje o Aveyron. A da nossa coluna extrema de Oeste ocupa hoje Montauban. A minha intenção é continuar a perseguição de modo a atingir em 16 a linha do Tarn, entre *Villemure* e *Albi*, marchando a coluna extrema de Oeste sobre *Fronton* e *Toulouse*.

O exercito P, logo que tenha batido as forças vermelhas, que lhe são opostas, continuará com a missão de atuar sobre as comunicações daquelas forças, principalmente sobre a linha Toulouse-Cette».

A situação dos dois exercitos P e C não era bem a situação derivada da batalha do dia 13, como seria logico, porque se tinha anunciado que este ano a manobra seria continua; mas, as exigencias dos acantonamentos, levou a *Direcção* a introduzir algumas modificações ao programa primitivo, e assim se teve de dar uma direcção diferente ao exercito C.

No dia 15 o exercito C retirava durante a noite, passando o Save, a jusante de *Lombez*, vindo estabelecer-se nas alturas

da margem direita deste rio, ficando apenas na margem esquerda ainda a divisão de cavalaria, em Samatan.

O 16.º corpo, na direita, por divisões contiguas, e, em cada divisão as brigadas dispostas também contiguamente, ocupando a região entre *Marestaing* (4km. a Sud'oeste de Isle-Jourdain) e Montaigut.

A 31.ª divisão tinha 2 regimentos (142 e 96) em 1.ª linha, guardando as passagens de Segonfielle (2,5 km. a nord'este de de Isle-Jourdain) e Montaigut; o regimento n.º 122 em *Brax*, á rectaguarda do bosque de Bouconne, servindo de reserva á divisão.

O destacamento mixto cobria o flanco direito, em Merville (3 km. ao sul de Grenade). A cavalaria de corpo estava na frente, na margem esquerda do Save.

Seguia-se a 32.ª divisão, ocupando as passagens de *Isle-Jourdain e Marestaing* com os regimentos n.ºs 143 e 53, ficando o regimento n.º 80 em reserva, á esquerda de Isle-Jourdain. O regimento n.º 81 ocupava *Pujaudran*, o servia de reserva ao corpo d'exercito.

O regimento n.º 15 ocupava *Lias* e, com as peças de 12.^{cm}, em tratores, á disposição do comandante de exercito.

Na esquerda, seguia-se o 17.º corpo d'exercito ¹. Os elementos deste corpo guardavam as passagens do Save, de Marestaing Labastide. Em primeira linha estavam os regimentos n.ºs 88 e 59 da 34.ª divisão, tendo como reserva o regimento n.º 83, em *Pompiac*.

A 33.ª divisão constituia a reserva geral do exercito.

O general Chomer tinha em vista gastar o adversario na passagem do Save, e tomar a contra ofensiva no momento oportuno, e na direcção mais conveniente, que seria determinada durante o desenvolvimento do combate.

Vejamos agora o que se passava no exercito do general Pau

No dia 15 ás 17 h, o general Pau tinha resolvido apoderar-se durante a noite das alturas que dominam as passagens do Gimone, entre Beaumont e o St-Sauvy. As tropas encarregadas deste movimento deviam transpôr o Gimone e o Arrats

¹ Deste corpo tinha sido destacado para Toulouse o regimento n.º 14 com um batalhão do regimento 83 para prestarem as honras ao presidente da Republica.

às 3 h. Logo que as vanguardas se apoderassem destas alturas, os grossos deveriam passar o Gimone, dando-se o choque principal entre os dois exercitos entre o Gimone e o Save, na direcção de Toulouse.

A divisão colonial tomou a direcção *Cox-Montaigut*; o 12.º corpo, no centro, tinha como eixo geral de marcha *Cologne-Isle-Jourdain* e *Segonfielle*: o 18.º corpo, na direita, tomava para eixo de marcha *Gimont-Cazaux* e *Lombez*.

O general Pau, não sabendo que o inimigo tinha efectuado a retirada durante a noite, julgava a batalha iminente, e por isso, quando pelas 9 horas as sua tropas atingiam as cristas a Este do Gimone, vinham dispostas em pequenas colunas de brigada, e mesmo de regimento, conservando difficilmente a ligação por causa dos caminhos, que eram máus.

A marcha foi por esta circumstancia lenta e fatigante.

Na esquerda, a divisão colonial atingiu Montaigut. No centro a 23.ª divisão (12.º corpo) avançou sobre Isle-Jourdain em duas colunas de brigada (46.ª brigada ao norte, ligando o 12.º corpo aos coloniais, e 45.ª brigada ao Sul). Os regimentos n.ºs 63 e 77 da 45.ª brigada, marchavam paralelamente, formando duas colunas distintas. A artilharia seguia com o regimento n.º 63 pela estrada Cologne-Isle-Jourdain,

O 18.º corpo formava duas colunas principais: a 36.ª divisão á esquerda e 35.ª á direita com a brigada provisoria de cavalaria.

A 24.ª divisão do 12.º corpo marchava á rectaguarda do centro, constituindo a reserva geral do exercito.

As vanguardas destas colunas poderiam ter alcançado o Save ao meio dia; mas o general Pau não realisou essa passagem, ou porque as tropas, tendo marchado toda a noite, estivessem cançadas, ou porque julgasse melhor executar essa operação durante a noite.

No primeiro caso vemos que a marcha de noite foi tão exhaustiva, que as tropas não estavam em estado de sustentar uma batalha; ou se admitirmos a segunda hipótese, deveremos achar temeraria a passagem de um rio de noite por forças tão importantes na presença do inimigo.

A's 2 h. de 16 um regimento colonial com um grupo de baterias e 2 esquadrões atacaram *Pradère*. A' mesma hora o regimento n.º 63 (23.ª divisão) atacou a ponte de Isle-Jourdain,

que foi defendida com energia pelo regimento n.º 143 (16.º corpo). Os arbitros decidiram que a passagem se poderia efectuar. Assegurada esta passagem, o general Pau ordenava, ás 5 h., o ataque geral em toda a frente. Na esquerda o destacamento mixto, que atacara Pradère, avançou na direcção de Pujandran, sobre a qual convergiu tambem a 23.ª divisão; a 24.ª divisão teve como objectivo Marestaing; o 18.º corpo marchou sobre Endouffielle, Cazaux e Labastide.

Na direita seguia um destacamento misto, constituído pelo regimento d'inf.ª n.º 123, por um grupo de baterias e um esquadrão de cavalaria, que, dirigindo-se por Samatan, cobria o flanco direito do 18.º corpo.

A divisão colonial (menos o destacamento mixto) ficou em Razengues, constituindo a reserva geral do exercito.

— O general Chomer aguardava as informações dos seus aviões para orientar convenientemente a massa das forças destinadas a tomar a contra-ofensiva.

O exercito *P* sustentou até as 9 h. um energico combate de frente, com diversas alternativas, até que por fim começaram as tropas a subir as encostas da margem direita do Save. Foi neste momento que o general Chomer tomou a ofensiva com a sua reserva geral (regimentos n.ºs 11 e 20 d'inf.ª com 1 grupo de baterias da 33.ª divisão e regimento n.º 15 do 16.º corpo com a artilharia pesada). A artilharia pesada veio tomar posição no ponto 302 (5 km. a Sud'este de Isle-Jourdain). Este contra-ataque foi dirigido contra o centro das forças adversas, na direcção de Isle-Jourdain.

A outra brigada desta reserva (regimentos n.º 7 e 8) com um grupo de baterias realisou outro contra-ataque sobre Nizas-Samatan.

A's 10 h. o contra-ataque adquire toda a intensidade.

O presidente da Republica e os officiaes estrangeiros assistiam ao contra-ataque dirigido sobre Isle-Jourdain.

A brigada n.º 65, ao desembocar do bosque de Bouconne, executou um ataque vigoroso disposto com ordem, pois fôra *montado* ao abrigo do bosque; mas atacada na sua direita por elementos da 23.ª divisão, era obrigada a retirar sobre Pujandran, por intervenção dos arbitros. O regimento n.º 107 d'infantaria tinha-se mostrado de um garbo inexcusable ao subir a encosta do cabeço onde se encontrava o presidente da Republica.

Na esquerda do exercito C realisou-se uma contra-ofensiva tambem duvidosa.

A's 12 h. 30 m. foi dado o sinal para a suspensão da monobra.

Estava, pois, terminado o 2.º periodo das manobras, a que se quiz dar uma forma espectacular, especialmente destinada aos *mirones*, o que obrigou a tomar disposições um pouco forçadas.

As tropas que tomaram parte nas manobras acantonaram no dia 17 á tarde sobre o terreno das operações, mas de modo a estarem em condições de marcharem directamente para as estações de embarque.

A distribuição das forças nestas circunstancias deu por certo mais trabalho que na tarde do dia 13, mas fez-se com metodo e em melhor ordem pela intervenção dos estados maiores.

O 12.º corpo ficou na região *Isle-Jourdain*; o 16.º corpo na região *Leguerin*; o 17.º corpo na região *St. Lys*; e o 18.º corpo na região *Gimont*.

As estações de embarque foram:

12.º corpo — Montauban, Valence d'Agen, Cahors, Ville-neuve;

16.º corpo — Toulouse, Rabastens, Gaillac, Carcassone;

17.º corpo — Muret, Pibrac;

18.º corpo — Beaumont e Auch.

A 6.ª divisão de cavalaria embarcou em Meux e Lézignan.

A brigada provisoria embarcou uma parte em Cahors e outra em Toulouse.

A aviação embarcou em Toulouse e Fleurance.

Os quartéis-generais conservaram-se funcionando até terminarem os embarques.

No fim das manobras, o presidente da Republica enviou ao ministro da guerra uma carta de felicitações pela maneira brilhante como se tinham realisado as manobras, carta que o ministro levou ao conhecimento do general Joffre, e que este por seu turno comunicou ás tropas, ao mesmo tempo que publicava uma *ordem do dia* elogiando os officiaes e praças que tinham tomado parte nas manobras.

* * *

Considerações finais.— Não pretendemos de forma alguma fazer a critica das manobras. A sua apreciação é difficil mesmo para aqueles que estiveram no terreno das operações, pois a apreciação de qualquer particularidade não pode influir sobre o valor do conjunto. Erros deveriam ter sido cometidos, pois é exactamente para corrigir os erros que se poderão dar no funcionamento dos serviços e nas operações duma tão grande massa de tropas, que se realisam as manobras, se fazem tantos esforços e se gasta tanto dinheiro ¹.

Em todo o caso irei resumir as apreciações que desde logo se fizeram.

As tropas em geral marcharam bem, mostrando uma grande capacidade de resistencia. Efectuaram-se marchas de noite, sem que por isso algumas unidades deixassem retardatarios ou tivessem de evacuar quaiquer doentes para o hospital, mas outras mostraram-se menos resistentes, manifestando falta de treno.

As unidades não tinham, porém, os efectivos que era para desejar. As companhias de manobras tinham 120 homens, metade do efectivo de guerra. Desta forma os regimentos de infantaria tinham uns 1:200 homens, tendo recebido uns 500 reservistas, quando deveriam ter incorporado 1:300.

A artilharia tambem não levava os seus efectivos completos, e aindo assim para que os corpos d'exercito se apresentassem com 70 bocas de fogo (em vez de 130) foi preciso ir buscar baterias a outros corpos d'exercito.

Fizeram-se durante as manobras *experiencias* diversas, como em geral succede todos os anos. Experimentaram-se diferentes tipos de cosinhas rodadas.

Empregaram-se tipos diferentes de secções de metralhadoras, sendo umas transportadas em bicicletas, outras a dorso, e ainda outras em viaturas.

Parece que os transportes a dôrso e em bicicleta foram os que melhor satisfizeram.

O serviço aerostatico e de aviação deu excelentes resultados; mas verificou-ee que os aeroplanos, constituindo um ele-

¹ As manobras deste ano custaram perto de 500 contos de réis.

mento strategico de primeira ordem, não teem acção de importância como orgão tatico.

O general Pau, fazendo marchar o centro de aviação com a guarda avançada geral, obteve informações ácerca do inimigo tão precisas, que não lhe foi preciso empenhar a sua guarda-avançada para lhe obter essas informações.

Todas as noticias obtidas pelos aeroplanos eram enviadas directamente ao parque de St. Clar, não sendo empregada a T. S. F., porque por este meio se gastava mais tempo, pois o raio de acção dos reconhecimentos não excedia 100 km.

De St. Clar as comunicações eram enviadas a Agen, onde estava o quartel general do exercito, e junto do qual o posto anexo.

Um dispositivo contrario era empregado, no exercito Chomer, pois aí o centro de aviação estava á retaguarda do exercito e o posto anexo é que ficava junto da guarda avançada.

Os officiais das unidades queixavam-se das más instalações dos acantonamentos, acusando os estados maiores de pensarem mais em si, do que nas tropas.

Assim, enquanto os amanuenses e ciclistas dos quartéis generais dormiam em boas camas, os capitães das unidades ficavam sobre a palha como os soldados.

A alimentação foi muitas vezes insufficiente, e sendo distribuida tarde ás unidades, sendo acusada a intendencia de se ter mostrado hesitante.

Sempre esta eterna questão. A administração militar carrega com todas as culpas. Ora o pão, a carne e os viveres de campanha não faltaram, e, se chegaram tarde a algumas unidades foi isso devido a alguns comandantes de regimentos que se desinteressaram da alimentação dos seus homens, deixando os officiais provisores sem instruções, ou deram ordens erradas, pela má interpretação que deram ás ordens de corpo de exercito, vendo-se os trens regimentais divididos e misturados com os trens de combate.

E' certo tambem que os *estados maiores* levavam muitas vezes a sua iniciativa muito longe, passando por cima dos chefes e directores de serviços, dando assim logar a faltas na execução, o que redundava em prejuizo das tropas.

Nalguns corpos de exercito o intendente nunca viu o chefe d'estado maior, nem o comando. Nas manobras os comandan-

tes das divisões ignoravam quasi tudo relativamente ao inimigo e ás tropas amigas.

Quando as *ordens* chegavam ás brigadas e aos regimentos, a situação geral, ainda que claramente definida nas *Instruções gerais* e nos *Boletins de informação* do exercito, quasi se tinham evaporado, e os executantes marchavam sem saberem bem para onde iam.

Aos generais comandantes das divisões não se fazia conhecer bem as intenções dos comandantes de corpo de exercito. Ora nas batalhas modernas os divisionarios combatem a maior parte das vezes por sua conta propria, e para que as suas determinações não vão de encontro ao plano dos chefes, é necessario que estes os tenham posto ao corrente das suas intenções.

Todos reconheceram a grande atividade do general Chomer, percorrendo no dia 13 o campo de batalha, comunicando as suas intenções aos comandantes de corpo de exercito e aos divisionarios, e intervindo pessoalmente para que o 17.º corpo de exercito fosse em socorro do 16.º.

O general Lacroix censurou a grande extensão dada ás frentes de combate das unidades (exercito *C*) e o afastamento exagerado das colúnas (exercito *P*), havendo grandes soluções de continuidade, o que deu lugar á falta de coesão, tanto mais que as ligações eram insuficientes.

No dia 13 as 2 divisões do 16.º corpo estavam separadas de tal modo que realizaram dois combates perfeitamente distintos e desligados.

O general Lacroix atribue estas faltas á insuficiencia da instrução e á falta de campos de instrução. Todo o exercito que se prepara para a guerra deve dispôr de todos os elementos de instrução. Os exercicios devem ser constantes e com os efectivos necessarios para que officiais aprendam a manejar as unidades que devem empregar na guerra.

As manobras, de uma duração limitada a 8 dias, não servem de instrução para as tropas, nem para os officiais de unidades inferiores a corpos de exercito. Que meditem bem nêstes ensinamentos os que se iludem, ou fingem iludir com os exercitos milicianos.

Os *estados maiores*, em virtude dos rapidos meios de comunicação que hoje possuem, conservam-se muito afastados das tropas perdendo a noção do terreno, do estado das estra-



das, e das . . . pernas dos soldados, esquecendo-se que os homens continuam a não poder dar mais de 4 qm. por h6ra.

O *clou das manobras*. Para terminar, acrescentaremos que muitos oficiais n6o viram com bons olhos a presen7a nas manobras e com caracter oficial de alguns senadores e deputados que faziam recordar os antigos delegados da *Conven76o*, vi-giando os generais.

Ainda produziu bastante sensa76o no exercito o facto de ter sido destituído do comando do 16.º corpo de exercito o general Faurie; de ter sido reformado (*d'office*) o general Courbe-baisse (14.º corpo); colocados na disponibilidade o general Plagnol (17.º corpo) e o general Besset (31.ª divis6o), assim como o general de brigada Alba (72.ª brigada).

Pediram tambem a reforma os coroneis St.-Etienne (reg.º n.º 123 d'inf.ª) e Escudier (do 122). Nunca se tinha dado um facto analogo, que 6 bastante grave num exercito, onde a promo76o, a partir de oficial superior se faz exclusivamente por *escolha*.

V. CESAR.

Tenente-coronel



METRALHADORA VICKERS

MODELO LIGEIRO

Metralhadora :

Esta arma, no seu todo analogo ás nossas actuais metralhadoras, não passa de um aperfeiçoamento importante do nosso material, que o torna mais leve, mais portatil e mais acomodado ás exigencias da guerra moderna.

É ainda, uma metralhadora automatica, com a refrigeração por meio de agua. As forças motrizes que garantem o automatismo da arma são : os gases da polvora, que actuando á saída da boca, num aparelho especial (reforçador de recuo) obrigam o cano a recuar, recuando com ele toda a culatra movel, e uma mola recuperadora, que terminado este movimento leva todo o maquinismo a frente, garantindo o tiro, depois de perfeita obturação.

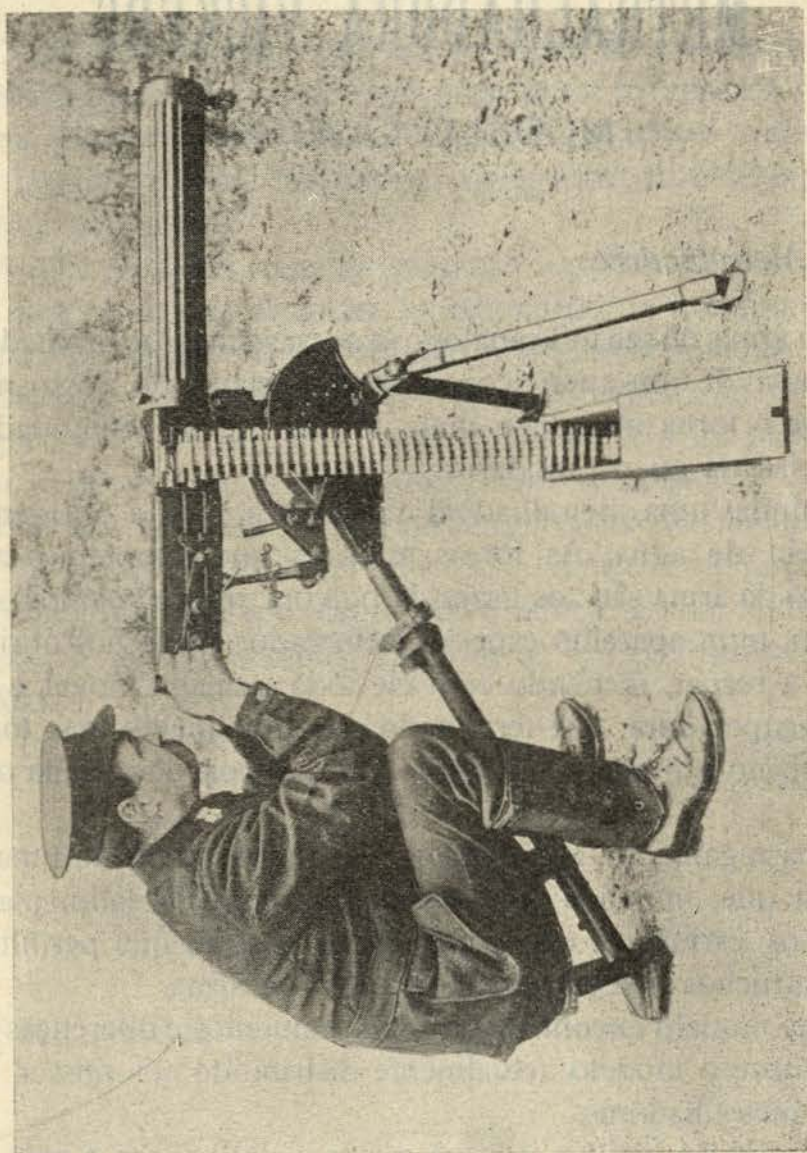
O carregamento automatico, é feito por meio de uma fita de lona que, impelida por um aparelho especial (alimentador) coloca os cartuchos um a um em tal posição que permite ao porta-cartuchos o seguro carregamento da arma.

Neste modelo encontram-se melhoramentos e diferenças sensiveis, sobre o modelo actualmente distribuido aos nossos grupos de metralhadoras.

A haste do gatilho, que na nossa metralhadora é colocada no fundo da caixa da culatra, neste modelo vem disposta na tampa da mesma, impedindo, por esta fórma, a arma de disparar, sempre que a tampa não esteja fechada.

O bloco de carregamento, mais complicado, mas de dimensões mais reduzidas e reforçado em alguns pontos, manobra em sentido inverso do actual, isto é, com o desarmador para a parte superior, devido, já se vê, ao facto da mudança da posição da haste do gatilho.

O canal ejector desaparece neste modelo, e vem substituído por uma porta, que se abre no fundo da caixa da culatra, e por onde os cartuchos, caindo pelo seu proprio peso, saem, quando



A metralhadora no fogo de joelhos

abandonados do porta cartuchos que, é cortado pouco abaixo da abertura por onde passa o percutor.

O refrigerante, fabricado de aço de delgada espessura, é canelado, o que, além de lhe dar maior resistencia, sem duvida necessaria á pouca espessura do aço, lhe aumenta a superficie irradiadora, facilitando assim o arrefecimento da arma.

As peças de latão desapareceram todas, neste modeio.

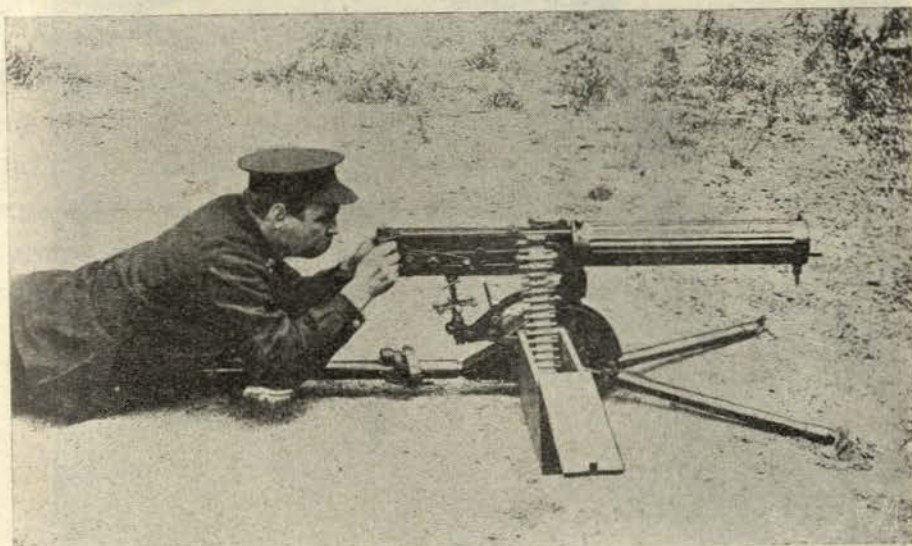
Dados numericos :

Velocidade de tiro	450 por minuto
Peso (calibre 6,5 ^{mm})	12,5 kg. (sem agua)
Agua	perto de 4 litros
Numero de peças componetes	120
Numero de molas	14

Total de peças	134
Tempos de carregamento.	2

Reparo :

O reparo desta arma é bastante engenhoso. Todo construido em aço e latão, apresenta uma altura maxima de joelheira de

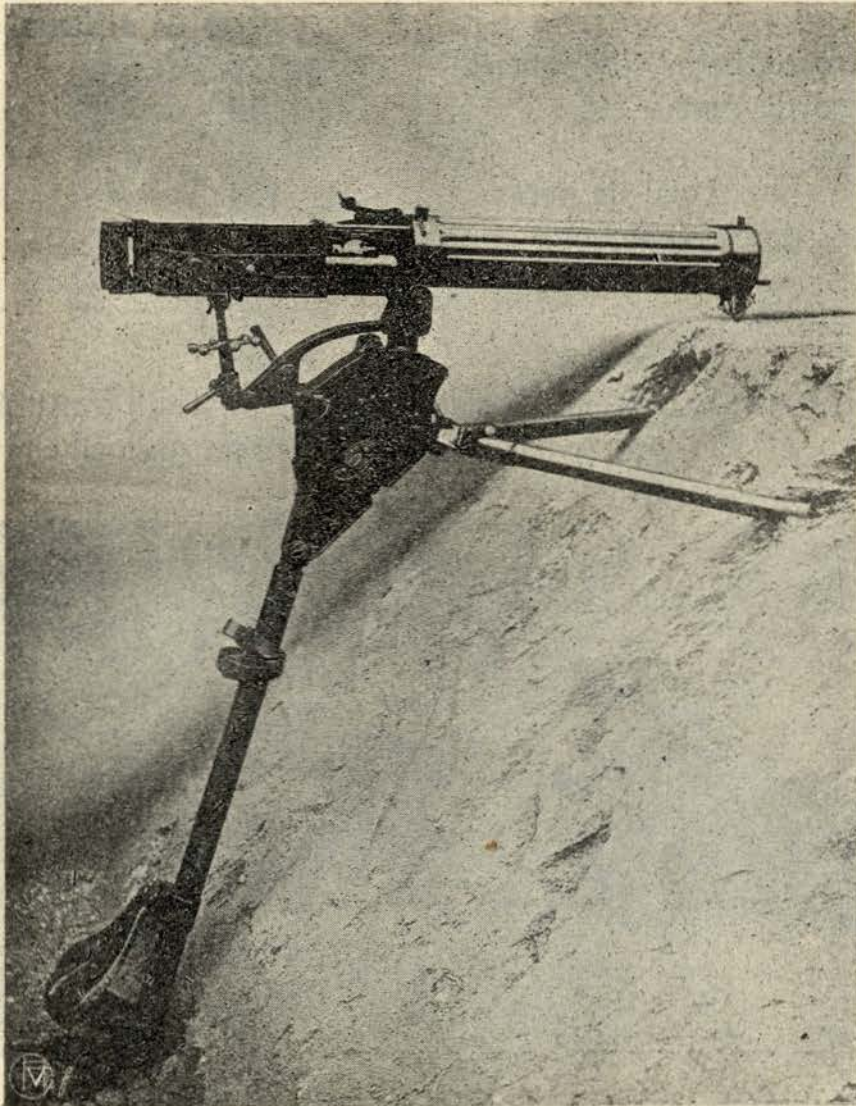


A metralhadora no fogo deitado

0^m,812 passando por todas as alturas intermedias até ao minimo, (fogo deitado) 0^m,402. Compõe-se dum corpo central onde estão ligadas, uma flecha, com conteira e ferrão, e duas pernas anteriores, tambem muninas de ferrão. No corpo central uma engrenagem especial, auxiliada por uma manivela, garante o levantamento ou abaixamento do reparo, de forma que 16 voltaes da manivela levam o reparo da sua posição mais baixa á suo posição mais alta. Além das posições descritas é construido de forma tal que lhe permite ainda tomar posições, para

o tiro contra aeroplanos e balões, (não na vertical) e posições para o tiro a barbete.

Os aparelhos de pontaria são bons. A pontaria em direcção



A metralhadora no fogo a barbete

é garantida pelo escorregamento da parte movel do corpo do reparo sobre uma meza colocada na parte fixa do mesmo corpo ; estas pontarias são limitadas por dois botões com molas que deslisam no quadrante da meza, e a ele se fixam em uma cremalheira.

A pontaria em elevação, obtem-se por meio de um parafuso e volante, com o que se consegue o abaixamento e levantamento da arma.

O peso deste reparo, com flecha telescópica é de 22 kg.

Justeza :

Numero de tiros	15
Distancia	25 metros
Alça.	400 >
Lados do retangulo conten-	} vertical . . . 0 ^m ,04 (quatro cent.)
do todos os tiros.	

Dispersão horisontal :

Numero de tiros	30
Distancia	25 metros
Alça.	400 >
Maximo afastamento vertical	0 ^m ,04 (quatro cent.)

Dispersão vertical :

Numero de tiros	30
Alça.	400 metros
Distancia	25 >
Maximo afastamento horisontal	0 ^m ,05 (cinco cent.)

Resistencia :

Nesta experiencia, a arma deu quatro mil tiros (4.000) numa série, com o seguinte resultado: de 1.000 em 1.000 tiros renovou-se a agua do refrigerante. A 2.750 tiros, teve a culatra movel de ser untada com oleo. Entre 2.750 tiros e 3.000 tiros quebrou-se a mola do percutor. Devido ao fabrico das munições, interrompeu-se o tiro por quatro vezes.

A velocidade de tiro manteve-se, na média de 450 por minuto.

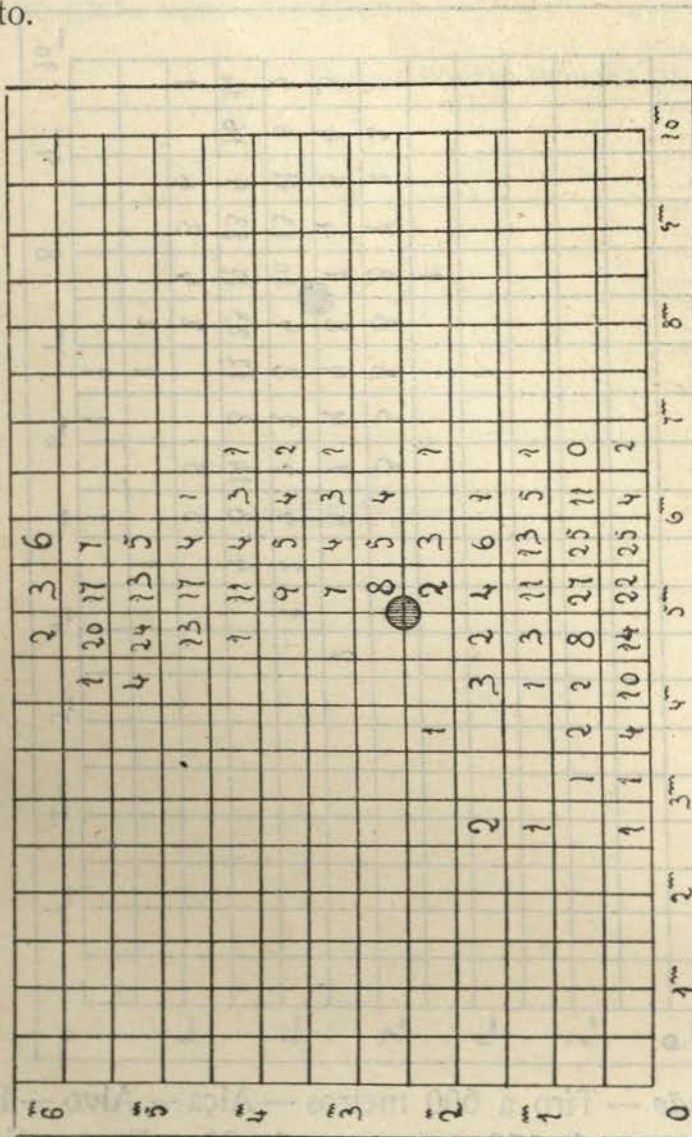
Nesta sessão, houve pois uma interrupção devida á arma e quatro devidas ás munições; não contando as tres interrupções para mudança de agua e uma para untura da maquina.

2.^a Série de experiencias*Campo de tiro de Mafra :*

1.^a Sessão — Tiro a 600 metros — alça 600 metros — Posição, sobre o tripé em terreno macio; ferrões bem cravados no solo. Alvo — Bastidor forrado a branco com a superficie de 10 metros por 6^m,5.

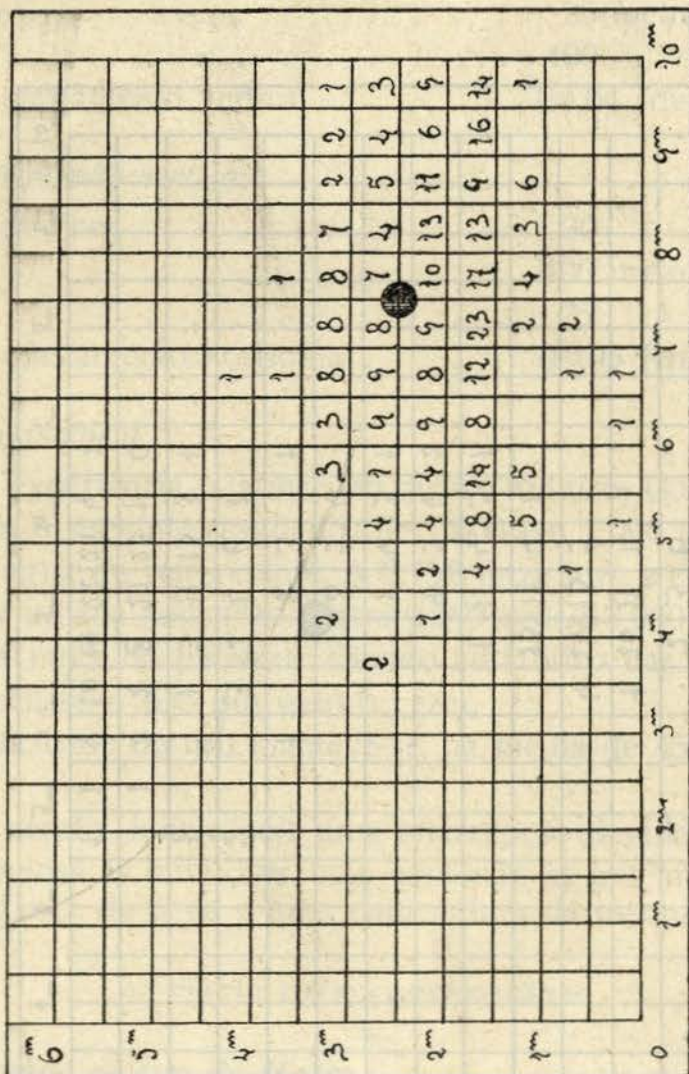
Numero de tiros	500
Distancia	500 metros
Directos %	432
Ricochetes	24
<hr/>	
Total de impactes.	456
Zona batida em profundidade.	100 metros

Registro.



2.^a Sessão — Tiro a 600 metros — Alça 600 metros — Posição sobre o tripé em terreno rijo, ferrões soltos — Alvo — Bastidor forrado a branco com a superficie de 10 metros por 6^m,5.

Numero de tiros	500
Directos	364
Ricochetes	N
<hr/>	
Total de impactes.	364
<hr/>	
Zona batida em profundidade	100 metros
Registo.	



3.^a Sessão — Tiro a 600 metros — Alça — Alvo — Bastidor forrado a branco de 150 metros por 1^m,80 — Fogo ceifando.

Numero de tiros	500
Impactes	298

4.^a Sessão — Experiencia de resistencia; a arma deu 5.000 tiros, funcionando sempre bem. Houve nesta experiencia 4 interrupções anormais, devidas a deformação dos cartuchos.

A metralhadora meteu agua nova de 2.000 a 2.000 tiros. Nesta experiencia, ao fim dos primeiros 2.000 tiros e com a arma bastante quente, fez-se a substituição do cano, no que o mecanico, da casa constructora gastou um minuto e cincoenta segundos (1' e 50"). A mudança do percutor com esta arma consiste na substituição do bloco, razão esta porque se não medio o tempo gasto nesta operação.

Tenente FONTES PEREIRA DE MELLO



NO TEMPO DOS FRANCESES

(Continuado da pag. 836)

V

As fardas de Loison

Enquanto o Silveira, num desprendimento, com a melhor parte do *seu exercito* perseguia a colúna francêsã, companhias de ordenanças acometiam a escolta das bagagens, que o terreno prendera nos meandros dos rochedos.

Os poucos granadeiros franceses que a constituíam cumpriram, nobremente, a sua missão. Até ao último cartuxo, contiveram aquela alcateia de lobos famintos, que descia de rastos e ululante, por entre as penedias das encostas.

Contudo, era quasi infrutifera esta caçada em grande: Os blocos colossais, schistosos e lasquentos, desagregados, á força de alavancas, rolavam pelo pendor, com grande ruído, levando adiante de si as arvores baixas, torcidas e nodosas, que germinavam nos asperrimos flancos da montanha. Descrevendo trajetórias imprevistas e inevitáveis, galgavam, galgavam, partindo-se numa chuva de estilhaços, que, voando, zuniam pelo ar. Ao tombarem no fundo gargantuoso e inclinado, ao apanharem um carro, uma cavalgadura, um granadeiro ou um condutor, mugia lá de cima a surriada dos gritos e das palmas, com que os inflexíveis inimigos, saudavam a selvatica vitoria!

Este expediente de desesperados acabou por obstruir a guela do desfiladeiro, e fechar a salvação dos soldados napoleonicos.

Ebrios de orgulho foram descendo as ferinas ordenanças, pendurando-se das saliencias das fragas, dos troncos decepados e dos ramos das giestas... A ambição do roubo atraía-os para o abismo; e a pressa de chegar levou-os ao abandono das ar-

mas. Por isso ainda alguns expiaram—nas pontas das baionetas dos ensanguentados granadeiros—os seus instintos de rapina.

Era fantastico, salambóesco!

Os cabelos cheios de terra, soltos ao vento da montanha; rasgadas as roupas e as carnes pelas arestas dos rochedos; afogueados os carões, que o desejo do saque tornava horrendos, atiraram-se — uns, á unhada e á dentada; outros, com punhais de pedra levantados do solo — sobre os feridos e indefesos soldados de Loison. que, exangues, imploravam, num olhar, a benção da piedade!

A onda bateu e submergiu, inclemente, os naufragos desamparados!

. . . Megeras munidas de facas ou foices, das que os retardarios atiravam, corriam de braços e pernas nús — tismados do sol e greçados do trabalho — corriam por entre os escombros — uns dolmans tragicos! — daquêla ruidosa hecatombe!

A crueldade da invasão francêsa explica, se não desculpa, a estrondosa vingança das transmontanas nêsse dia.

Para cevarem a raiva que as queimava, num louco entusiasmo de represalia, saltaram sobre os feridos e os cadaveres!... Mutilada nuns e noutros a arvore da luxuria, levantaram-na ao ar, expondo — no pedestal das rochas — em frases desbargadas e gritos descompostos, os seus trofeus de energumenas. . .

Viaturas, cavalos, machos e bois, soldados, condutores, almoceves e boieiros, para ali jaziam partidos, arrombados, moribundos, expirantes, meio soterrados muitos, sob a lava *sui-generis* daquêle cataclismo artificial!

E como não houvesse mais a quem tirar a vida, foram, com as mãos tintas da chacina, fazer saltar as fechaduras dos baús e das malas e rasgar com facas o ventre das trouxas e das mochilas.

A' vista do valioso expolio, tremeram de cobiça. A embriaguês do sangue passara e principiou a invadi-los o receio do castigo: Silveira deveria estar a aparecer por instantes, e depois . . . ai, dêles! . . .

. . . A carnificina fôra grande, mas os horrores do saque ameaçavam excedê-la. Aquêles brutos, cobrindo-se de olhares que a avarêsa tornava vesgos, iam despedaçar-se uns aos outros.

Por felicidade a lucidês voltou ao espirito de alguns: Era necessario guardarem a presa, que pertencia de direito ao ge-

neral. Dominando o tumulto que progredia rugindo, apartando rixas que trariam o massacre, conseguiu impôr-se a opinião dos moderados.

O Silveira veio depois.

A sua figura imponente, a sua pessoa desejada, desarmou a todos a colera, impôs a todos o medo. Fidalgo, dorido de co-



ração, clemente, exproboou por barbara, inutil e desonrosa a condúta dos celerados.

Entretanto, para não apagar de todo o fogo combativo dos camponios, dividiu por eles o remanescente da herança. Silveira reservou para si apenas as quatro ricas fardas de Loison, presenteando com uma, a *Junta do Governo Supremo do Reino*, com duas, a vila de Guimarães e, com a última, S. Gonçalo de Amarante ¹.

VI

Lisbôa

Com um silencio que recorda o que se guardou sobre o destino da expedição a Ceuta, se prevenia a Côrte, a 27 de outubro de 1807, para abandonar a capital um mês depois. Então,

¹ *Observador português* . . . pags. 328.

abria-se o ciclo das descobertas; agora, continuava-se o das vergonhas.

O aparelhar da armada no século XIX, era distinto pelo tumultuario das obras que o temôr impulsiona e não pela actividade racionadora que a premeditação normaliza, como no XV século.

... dia 27 de novembro do ano de 1807, dia infausto, dia melancólico, que preocupou a mente do Varão Ilustre, do médio e do infimo; dia emfim de perturbação, que arrastou após si a desgraça, a infamia e o prejuizo da nação portugueza; principiou a desordem e tudo quanto se via e ouvia era desgraça:

«Palacios a desarmar, expostos ao abandono; ruas cobertas de inumeravel povo pasmado e confuso, qual rebanho que perdeu seu pastôr; os embarques atulhados de trastes e soberbas mobílias ao desamparo; o Tejo coalhado de embarcações de transporte, precipitadamente a vogarem duma para a outra margem; navios sem ordem, com poucos marinheiros, menos lastro, mal aparelhados; fazendas e generos embarcando-se sem despacho, nem revista; os mantimentos subindo a um preço ilimitado; familias infinitas pelas praias em largo pranto, despedindo-se dos parentes, amigos; e outras sem saberem dos filhos, pais e maridos, correndo todos á salvação da liberdade e honra, deixando á desolação bens e riquezas, tal foi a scêna que se representou nesta grande cidade nos dias 27, 28 e 29, em que, com vento favoravel e fresco se fez de véla a esquadra portugueza, composta de 8 naos, 3 fragatas, 2 brigues e 1 escuna de guerra e 1 charrua de mantimentos; e com éla 21 navios de comercio nacional, deixando a mais saudosa memória a esta capital, que lamentava a sua orfandade e desgraça, que por momentos esperava S. A. R.

«Embarcou no dia 27, antes do meio dia, dando beija-mão no cais de Belem»¹.

Para cúmulo de agouro um eclipse velou a face do sol!
Era bem o fim do mundo!

— Ai, ai, ai! — carpía a cidade.

A casa reinante que um doido — o *Manuelinho* — primeiro

¹ *Observador portugês*, pags. 13 e 14.

aclamava em Evora, em 1637, era exprobadada agora, em 1807, pela palavra singela duma doida — D. Maria I:



— «*Devagar, devagar!* — reclamava ao bolieiro que a conduzia, a galope desfechado, pela calçada da Ajuda abaixo — *Dir-se-há que vamos fugindo!*»¹.

Lisbôa, depois de espingardeada a 13 de dezembro, consentira — na raiva surda dos algemados — que, em vez do pendão das quinas, se arvorasse no castelo de S. Jorge a bandeira fran-

¹ Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, 2.º vol. pags. 239.

cêsa. O decreto de 14, acaba por a desarmar e rendêr á descripção de Nervion e Delaborde.

Açamada, vagueia pelas ruas, rôta, faminta, idiota, assistindo ás paradas, quasi quotidianas, dos soldados que a exploravam e que lhe haviam entrado pelas portas de Sacavem, «mui magros, mui rôtos, descalços a maior parte, doentes, côxos e mortos de fome, com as espingardas ferrugentas e muitas quebradas, e incapazes de disparar um tiro; as mochilas de pele de cabra, e uma cabaça natural á cintura, para agua; uma sobre-farda mui suja e de brim branco...»¹.

No largo estuario do Tejo, ermo de velas amigas, o russo Siniavin², de morrões acêsos, enfiando a Baixa, mais lhe confirmava, que não podia contar com o mar.

Para lá das Torres, as naos inglesas do almirante Smith, fechavam a passagem num intuito de protecção, mas num resultado afugentador do commercio.

Se rosnava, num desespero, respondiam-lhe as descargas dos granadeiros da Gironda...

Emquanto ella — a tiritar de frio e fome — geme as suas desgraças e desconfortos, nos salões do quartel general, na rua do Alecrim, no palacio do Quintela, resplandecente de luz e de riqueza, os banquetes e os bailes succedem-se sem descanso, atirando como estimulante a uma população esfaimada e pobre, as vidualhas da sua mêsa e as harmonias das suas orquestras!

Em S. Carlos há recitas de gala, onde o rosto femenino, mas energico de Junot, a sua figura marcial e flexivel, se abria num sorriso ou se dobrava numa mesura, para retribuir e agradecer, a promessa dum olhar e aos protestos de amôr, respeito e consideração com que o insensavam os renegados frequentadores...

A nobreza submete-se ou prostitue-se, como a condessa da Ega. O patriarca espalha pastorais subservientes. As baixezas succedem-se e as extorções acumulam-se. E' um novo terremoto!

¹ *Observador português* ... pags. 19.

² O mesmo que, depois da *Convenção de Cintra*, declarava reconhecer *Lisbôa como propriedade de S. M. Britânica*, porque nos fortes se hasteava o pavilhão inglês.

(Apud. Thomaz Ribeiro — *Historia da legislação liberal portuguesa*, 1.º vol. pags. 20.

O Tejo convulsiona-se e inunda de vasa a *Baixa* inteira!
E nêsse charco, as rãs agaloadas coaxam pedindo um Rei!...

Ao estalar da revolta do Norte, Lisbôa, — sangrada e cada-
verica — pôde dar de si as manifestações que galvanizam os
fracos e os tísicos: o *mêdo e a esperança!* Di-lo melhor que
ninguem a ingenua simplicidade do *Observador português*:

«Dias 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15 de julho de 1808, anda-
vam os moradores de Lisbôa falando pelos cantos: uns, mos-
trando as cartas de seus amigos e parentes do Porto e provin-
cias sublevadas: outros, contando em segredo os preparativos
militares de Coimbra: varios combinando a marcha do exer-
cito e o tempo que deveriam gastar até Lisbôa, esperando nêles
os parentes e conhecidos e muitos comunicando mui particu-
larmente o desembarque dos ingleses na Figueira, na Nazaré,
etc. Todas estas e semelhantes conversações ocupavam o tempo
e lisongeavam os apoquentados espiritos; e como todos estes
movimentos eram agradaveis, não se duvidava ainda que fos-
sem exagerados.»³

F. SÁ CHAVES
Ten. cor.

(*Continúa*)

³ Pags. 363.

General JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO



General José Nicolau Raposo Botelho

É sempre doloroso registrar o passamento dum nosso camarada. Quando, porém, nesse vulto que a parca nos ceifa outras circunstancias concorrem que no-lo tornam especialmente querido, a tarefa é bem mais cruel e a pena detem-se, a cada passo, presa pela saudade.

Com o general Raposo Botelho, falecido em 23 do mês proximo passado, dão-se estas circunstancias. Oficial distinto e conceituado professor, foi tambem um nosso dedicado companheiro deste

trabalho, por vezes ingrato, que só bem apreciam aqueles que das vigalias jornalisticas já têm participado.

Entrando para a *Revista Militar* em 1892 logo a ela se entregou com entusiasmo, aliás reconhecido pelos seus consocios que em 1896, o elegeram para os cargos administrativos. Membro da Comissão Revisora de Contas, até 1900, passou neste ano para a Direcção, onde se conservou até 1910, em que, sendo chamado para o exercicio do alto cargo de Ministro da Guerra, nos vimos privados da sua colaboração.

Acompanhando a evolução deste jornal, Raposo Botelho, abraçando a ideia da fusão com as *Revistas do Exercito* e da *Armada*, da *Administração Militar* e do *Portugal Militar*, foi um dos seus acerrimos defensores, desinteressado como os seus colegas, que, embora prejudicados nos seus interesses mate-

riais, de bom grado a eles renunciaram na mira de conseguirem para o exercito a que pertenciam, um orgão tecnico que dignamente na imprensa o representasse.

Incansavel trabalhador, a sua personalidade mais se salienta, se considerarmos que só á custa do esforço proprio ele conseguiu destacar-se no seu meio, sem atropelo de terceiros e sem ter deixado assinalado o seu caminho por odios ou despeitos.

De trato afavel, possuindo vasta erudição, nos seus compendios, como nos artigos que na nossa publicação deixou firmados, se móstra a extensão dos seus conhecimentos, em assuntos dos mais variados.

Foi, porém, no exercicio do magisterio que a sua individualidade mais se destacou. Nessa ardua e elevada profissão, que tão especiais dotes exige, Raposo Botelho, pela forma de exposição, pelo interesse das suas preléções e inata bondade de character, gratas recordações deixou no espirito das gerações que o tiveram por professor.

Registando tais factos, a *Revista Militar*, aqui lhe deixa consignado o preito da sua homenagem envolta nos crepes da sua sincera dôr.

Março de 1914.

A DIRECCÃO

Obras oferecidas

1 CORONEL FERREIRA GIL—**A Infantaria Portuguêsa na Guerra da Península**—Segunda parte: As invasões de Soult e Massena, e a expulsão dos francezes da Espanha—Lisboa, 1913—1 vol. de 454 pag. (0^m,23×0^m,15) com varias estampas e mapas.—Preço: 90 ctvs.

Com verdadeira satisfação anunciamos hoje aos nossos leitores a conclusão deste distinto trabalho do nosso presado camarada e consocio, o sr. coronel Ferreira Gil, que nestas mesmas colunas, tivemos occasião de felicitar, no numero de setembro do ano findo, por occasião da publicação do primeiro volume.

Tudo quanto então escrevemos tem applicação rigorosa ao novo tomo, que mais confirma o minucioso estudo, que o autor fez das campanhas travadas em Portugal no começo do seculo findo. Parecendo que os factos então succedidos, em presença dos progressos da ciencia, deveriam ser considerados obsoletos pelo tempo em que ocorreram, a doutrina hodierna afirmada nos autores de maior autoridade, demonstra quanta applicação tem na guerra moderna muitas das lições derivadas dos acontecimentos militares de então. E não é sómente sob o ponto de vista da ciencia da guerra, que se aprende ao estudar as campanhas da Península, porque doutrina não menos proveitosa dela se revela para os que sejam verdadeiros estadistas, que pretendam dirigir os negocios publicos com intuição superior e patriótica, diligenciando integrar a alma nacional em um ideal elevado, afastando-a assim das mesquinhas contendas suscitadas pelas rivalidades dos partidos.

O asserto, que aí fica exarado, é confirmado na hora presente pela solitudine com que a direcção da secção historica do estado maior do exercito francês lança á publicidade duas grandes e importantes obras, que seguidamente anunciamos, de ambas as quaes constitui o assunto, a a guerra peninsular.

Não podia vir a obra do sr. coronel Ferreira Gil, portanto, em occasião mais oportuna, lisongeando o nosso amor patrio e demonstrando ao estrangeiro, que neste pequeno rincão europeu, tambem se liga a maior importancia áquella guerra, procurando colaborar na reconstituição cuidadosa dessas paginas da historia, que constituem incontestavelmente uma das mais virentes corôas de louro conquistadas pelos nossos antepassados á custa de muito sangue e grandiosos sacrificios.

A obra do sr. coronel Ferreira Gil em nada desmerece, quando confrontada com os trabalhos da mesma natureza publicados, completando-os

em muitos pontos, porque compilando cuidadosamente os elementos substanciais esparços em trabalhos nacionais e estrangeiros, que gosam da maior auctoridade, oferece assim valiosas informações, que se não encontram comumente reunidas nos livros conhecidos.

Vê-se que toda a obra foi elaborada com carinho, meticoloso cuidado, reconhecida competencia e elevado patriotismo. A série de mapas, de que ella é acompanhada, facilita muito a sua leitura; as estampas concorrem egualmente para a tornar mais agradável. E a meticulosidade com que o auctor descreve muitos dos factos politicos internos, ocorridos na sequencia da guerra, dá-lhes um relêvo especial, que é mais engrandecido pela homogeneidade, que revelam com outros da actualidade.

Sentimos que a brevidade do espaço disponivel nos não permita alongar as considerações, que este ultimo caso nos estava suscitando, bem como expôr outras, que a obra merece. Mas o que não podemos deixar no olvido, e aqui queremos deixar novamente reproduzido, é que o volume agora publicado confirma inteiramente o conceito, que formulámos ao noticiar o aparecimento do primeiro e foi o de que—«o sr. coronel Ferreira Gil, prestára um bom serviço com a publicação da sua obra, que o honra e acredita como distincto escritor militar».

2 Publié sous la Direction de la Section historique de l'Etat-major de l'Armée—**La Guerre d'Espagne (1807-1813)**—Tome I (Octobre 1807—Avril 1808), par le capitaine A. GRASSET—1 vol. (0^m,25×0^m,16) avec 4 planches, 4 cartes et 7 tableaux hors texte—Berger-Levrault, Editeurs. Paris, Nancy, 1914.—Prix, broché: 15 francs.

Não poderíamos ter a pertença de expôr melhor do que o fazem os proprios editores a razão de ser e a importancia da obra, que neste momento anunciamos, cujo primeiro volume temos na nossa frente, e por isso vamos reproduzir as suas palavras. Dizem elles, que a Peninsula Iberica havia sido invadida pelas tropas frêncêsas nos ultimos dias de 1807, precisamente na ocasião do apogeu do Imperio; a insurreição da Espanha succedia no começo de 1808, e a guerra prolongára-se sem interrupção até 1814, preenchendo estes casos o periodo occupado no resto da Europa pelas campanhas de Wagram, da Rússia, da Saxonia e da França. E, não obstante o enorme interesse que esse grande drama apresenta, a Secção historica do Estado Maior do Exercito ainda não havia encetado sequer o estudo do seu conjunto. Tratava-se, não obstante, de uma guerra nacional, a primeira do periodo imperial, com caracter verdadeiramente original, e cujo desenvolvimento se tornava indispensavel seguir minuciosamente.

A guerra regular, dirigida pelos exercitos inglêses, apenas marca os brilhantes episodios dessa luta sem treguas, terrivel, sustentada com felicidade pelos exercitos nacionais sem consistencia, pela gente dos campos e pelos infatigaveis guerrilhas. O verdadeiro interesse e até, apesar dos grandes triunfos de Torres Vedras, de Arapiles ou de Victoria, o verdadeiro nó da questão, residiu na insurreição de toda a população ultrajada, nos esforços que ella empregou, na organização da sua defêsa, nas faltas accumuladas pelo Imperador, pelos seus generais e pelos seus diplomatas,

que não compreenderam a natureza da guerra peninsular; sendo nela que se deve procurar o germen de todos os desastres, que em outros teatros deveriam produzir a ruina do Imperio.

A historia completa da guerra peninsular ainda não havia sido escrita em França. Foi o capitão A. Grasset que se devotou de ha muito tempo a essa difficil missão, para o que empreendeu varias viagens á Espanha, que lhe abriu os seus arquivos; tornando-se-lhe por esse modo familiar a topografia da Peninsula, bem como o character dos seus habitantes.

A *Histoire de la Guerre d'Espagne*, escrita exclusivamente á vista dos documentos officiaes, tanto franceses como estrangeiros, compreenderá 16 volumes. Será dividida em cinco periodos, inspirados nos grandes factos da guerra regular:

- 1.º *La surprise de l'Espagne* (outubro 1807—setembro 1808);
- 2.º *L'intervention de Napoléon en Espagne* (setembro 1808—fevereiro 1809);
- 3.º *La deuxième intervention anglaise* (fevereiro 1809—janeiro 1810);
- 4.º *L'offensive française en Portugal* (janeiro 1810—abril 1812);
- 5.º *L'offensive anglaise* (abril 1812—21 julho 1813).

A obra annunciada, terminará com a narrativa da batalha de Victoria, que marca o termo do dominio francês na Espanha, e determinou a evacuação da Peninsula.

Bastam, efectivamente, os dados expostos, tais como os apresentam os editores e ficam reproduzidos, para reconhecer a grande importancia da obra, cujo primeiro volume agora viu a luz da publicidade, compreendendo:

- 1.º Uma *Introdução* á historia da guerra de Espanha, indicando as bases em que o autor assentou o seu trabalho e como o conta realizar;
- 2.º *Preliminares* resumindo a grandes traços as causas afastadas da guerra;
- 3.º Os três primeiros titulos da primeira parte da obra *La Surprise de l'Espagne*, que tratam:

O primeiro, da Conquista de Portugal por Junot;

O segundo, da Invasão de Espanha pelos corpos de Dupont, de Moncey, de Duhesme e de Bessières;

O terceiro, do comando exercido por Murat, até á occupação de Madrid, em março de 1808.

A obra do capitão Grasset é de uma leitura facil e cativante. até para as pessoas que não cultivam as ciencias militares, sendo enriquecida com numerosas notas contidas em cada pagina ou nos anexos, que fornecem aos eruditos as informações de character mais tecnico.

Seria injusto e temerario, por nossa parte, avaliar do merito duma obra, que ha de ter tão amplo desenvolvimento como o descrito, pela restrita apreciação do seu primeiro volume, tanto mais, quanto que uma parte insignificante dele, é occupada na exposição de generalidades proprias a esclarecer a situação do país, no momento em que começaram a desenvolver-se os factos, que o autor se propõe descrever.

Da parte publicada, vêmos que a descrição da guerra em Portugal ocupará limitada parte da obra, e só isso desculpa a escolha do seu título, de natureza restrita, no qual se toma a parte pelo todo, porque a reacção contra Napoleão, se desenvolveu simultaneamente nos dois países, Espanha e Portugal, pelo que a campanha neles travada contra os invasores, mais justamente deve denominar-se «Guerra da Península» do que «Guerra de Espanha».

Mas, que o autor teve o propósito de tratar essencialmente da parte da campanha travada no país vizinho, deduz-se com evidencia do facto dele só o haver percorrido nas buscas que empreendeu, e de não citar entre as numerosas obras, que aponta como fontes em que colheu informações, nem uma unica escrita em português.

Atenta a origem da obra e os creditos de que goza o seu autor, devem os nacionais lê-la atentamente, para não deixarem passar sem protesto, qualquer asserção por ventura menos justa. Será essa até, uma das fases mais patrioticas da comemoração do Centenario da famosa Guerra, que ainda não terminou.

- 3 Publié sous la Direction de la Section historique de l'Etat-major de l'Armée — **L'évacuation de l'Espagne et l'invasion dans le midi. (Juin 1813 — avril 1814)**, par le capitaine VIDAL DE LA BLACHE. Tom. I. *L'Evacuation de l'Espagne*, 1 vol. (0,225×0^m,14) avec 5 cartes hors texte. Prix: 10 francs. Tome II. *L'Invasion dans la Midi*. 1 vol. (0^m,225×0^m,14) avec 3 cartes hors texte. — Prix: 10 francs. — Berger-Levrault, Editeurs. Paris, Nancy. 1914.

Esta obra, agora publicada, deve ser considerada como a natural sequencia da referida precedentemente. *La Guerre d'Espagne*, do capitão A. Grasset, terminará, como ficou dito, no momento em que a derrota sofrida na batalha da Victoria obrigou os franceses a evacuem a Península. *L'Evacuation d'Espagne et l'invasion dans le Midi*, do capitão Vidal de la Blache, inicia os estudos relativos ao modo como essa retirada foi executada, estendendo-se depois na discrição dos factos consequentes, que dizem ainda respeito á campanha na Península, embora ocorridos em territorio francês.

O autor precede esse trabalho de considerações tendentes a esclarecer a situação com respeito aos exercitos aliados anglo-luso-espanhoi, para que bem possa ser previamente comprehendido o seu valor e o dos chefes respectivos. Depois descreve o estado de Navarra e das provincias Vascongadas, entrando seguidamente na narrativa, que se propôz fazer.

O primeiro tomo da sua obra, intitulado *L'Evacuation de l'Espagne*, compreende os seguintes seis capitulos:

I. L'armée anglaise et ses alliés en 1813-1814;

II. La retraite après Victoria. Le ralliement et la réorganisation des armées d'Espagne;

III. L'offensive en Navarre;

IV. La bataille du San-Marcial — Saint Sebastien — Santona;

V. Les armées d'Aragon et de Catalogne;

VI. La bataille de la Bidassoa. La Capitulation de Pampeluna. La bataille de la Nivelle (octobre, novembre 1813).

Abre o segundo tomo com uma desenvolvida descrição da situação politica, em que se encontravam as nações directamente interessadas na campanha, e desenvolve-se por cinco capitulos, cujos titulos, quando aproximados dos anteriores, são indicativos do plano a que toda a obra é subordinada. São eles os seguintes :

I. Le traité de Valençay. Les places et les troupes de Catalogne ;

II. Las causes materielles de l'impuissance de l'armée des Pyrénées. La solde, le ravitaillement, la conscription, les soldats étrangers, la garde nationale ;

III. Les batailles autour de Bayonne (décembre 1813. Orthez, le passage de l'Adouer (février 1814), le blocus de Bayonna ;

IV. L'influence anglaise dans le Midi — Le duc d'Angoulême — L'occupation de Bordeaux ;

V. D'Orther à Toulouse — L'armistice.

À obra do capitão Vidal de la Blache, applica-se a mesma doutrina, exposta para a do capitão A. Grasset : seria temerario fazer a sua critica após apenas alguns dias depois da sua recepção. E o que os editores desejam é que os jornais dêem pronta noticia da publicação dos livros, que lançam no mercado, deixando aos leitores o pronunciarem-se sobre o merito do trabalho produzido. Embora esta aspiração seja exagerada, alguma cousa tem efectivamente, que a torna digna de ser atendida, merecendo ainda esta pratica o voto de muitos leitores.

Por isso nos limitamos, por agora, a dar noticia da publicação desta obra, sem prejuizo de qualquer apreciação mais circunstanciada das doutrinas expostas. Por agora o que não podemos deixar de lamentar, é que a nossa literatura militar seja tão desconhecida que, sendo muito ampla a lista das obras, que o autor enumera como havendo-lhe servido de fontes do seu trabalho, nem uma só delas seja portugêsa.

Em todo o caso, injusto seria não consignar aqui, que a obra do capitão Vidal de la Blache, está escrita com muita clareza e abundantemente documentada, pois quasi todas as suas asserções mencionam as origens donde derivam.

4 Centenario da Guerra Peninsular — **Miranda do Corvo e as Invasões francêsas** — Contribuição do arquivo municipal — I (1808-1809) — Coimbra, 1913 — 1 opusc. (0^m,17×0^m,11) de 96 pag.

Não pretende o autor que este seu modesto trabalho tenha o eco que merecem as obras precedentemente referidas, mas nem por isso deixa de ser digno de muito louvôr o zêlo e inteligencia com que ele soube colher no arquivo da camara municipal de Miranda do Corvo, as informações nela existentes acêrca da Guerra Peninsular, porque é do somatorio de pequenas informações, que se consegue elaborar a historia dos tempos idos. Por isso a iniciativa do autor deve ser aplaudida. Do seu espirito investigador e da cautela com que trata os assuntos historicos, tem os leitores a mais completa demonstração no trabalho do sr. Belisario

Pimenta, que tem sido publicado nestas mesmas colunas, intitulado—*O combate de 24 de Junho de 1828 na Cruz dos Morouços*—.

A materia que constitue o opusculo, que anunciamos, foi inserida em folhetins no jornal *O Serrano*, da Lousã, que ha pouco suspendeu a sua publicação, fazendo o autor uma pequenina separata de quinze exemplares, com um dos quais brindou o nosso jornal. É uma distinção que muito nos penhorou, e que aqui agradecemos ao nosso colaborador e infatigavel investigador.

- 5 **Ce qu'il faut savoir de l'Armée allemande** 13^e edition.—1 vol. (0^m, 19×0^m,11). — Paris, Henri Charles Lavauzelle, editeur militaire, 1914. Prix : 2 fr. 50.

A necessidade e o elogio deste livro estão no consideravel numero de edições, que tem tido, as quais se esgotaram rapidamente. Sob um pequeno volume, reúne ele todos os dados que mais importa aos militares francêses conhecer do exercito alemão, e este facto explica esse extraordinario consumo, que tem tido.

Assim, o novo uniforme cinzento, mereceu ao compilador do livro o maior interesse, sendo numerosas as estampas, todas coloridas, em que são apresentados os fardamentos recentemente adoptados nas diversas armas e serviços.

São ainda numerosas as informações contidas nas paginas do livro sobre os recursos alemães relativos ao recrutamento, organização das forças militares, fardamento, armamento, viveres, formações taticas de todas as armas, trabalhos de campanha, marchas, estacionamento, serviços de exploração e segurança, etc.

Um pequeno questionario franco-alemão tem por fim habilitar os chefes das patrulhas a recordar facilmente as frases de emprego corrente, que lhes será necessario empregar na execução dos reconhecimentos em que tomarem parte.

Por último, uma série de anexos contém : o quadro das guarnições da Alsacia-Lorena, a situação dos diferentes corpos do exercito na ordem de batalha, a lista das principais abreviaturas usadas na correspondencia militar e nas ordens de serviço, as abreviaturas topográficas, etc.

A enumeração das materias, que ficam expostas, demonstra que a contextura do livro corresponde bem ao seu titulo, o que nem sempre sucede.

- 6 **Etat militaire des toutes des Nations du Monde en 1914.** —1 vol. (0^m187×0^m,105) 176 pag.—Paris, Berger-Levrault, editeurs.— —Prix : 1fr.,25

Este livro, desde o seu primeiro ano de publicação, mereceu do publico a melhor aceitação. Elaborado então pelo falecido escritor M. Charles Malo, destinou-se não só aos militares, mas aos parlamentares, jornalistas e mais individuos que, ou pela natureza das funções exercidas ou para os estudos proprios, necessitassem ter sempre á mão um guia breve,

mas quanto possível seguro, que lhes indicasse qual a ultima organização do poder militar, e correlativos dados estatísticos, nos diversos países do mundo. Para este fim tornava-se iudispensavel que as edições se seguissem quasi que anualmente, afim de que houvesse a facilidade, não só de indicar as ultimas evoluções realisadas em materia organica, como a de rectificar quaisquer incorrecções por ventura introduzidas nos trabalhos anteriores.

A edição agora publicada, que diz respeito a 1914, corresponde inteiramente a esta dupla missão, tendo ainda, demais, a vantagem de lhe haverem sido introduzidas melhoramentos, que a tornaram mais util.

O leitor encontrará nesse trabalho, além de breves noticias ácerca do recrutamento e organização de todos os exercitos das varias nações, outras indispensaveis informações respeitantes ás primeiras potencias militares, isto é, á Alemanha, á França, á Russia, á Italia e á Austria-Hungria.

Tambem houve o cuidado de ministrar as mais convenientes informações ácerca do estado actual dos exercitos dos países balticos, nos quais a ultima guerra deu origem a transformações numerosas e profundas.

Por todos os titulos, portanto, constitue *L'Etat militaire de toutes les Nations du Monde* uma interessante publicação, que tem a grande vantagem de oferecer ao publico, por preço modico, as mais interessantes informações ácerca do poder militar de todos os países civilisados.

7 A Instrução Pratica do Soldado de Infantaria no Serviço de Campanha. por RICARDO FREIRE DOS REIS, tenente de infantaria 13. 1 opusc. (0^m,165×0^m,10) de 124 pag. — Coimbra, 1913. — Preço : 20 cent.

O titulo deste opusculo revela claramente o seu intuito : ministrar ao recruta, em linguagem simples e clara, o conhecimento das mínucias do serviço de campanha, por forma que ele as compreenda e saiba reter na memoria, afim de serem devidamente aproveitadas no momento asado. São sempre uteis estes livrinhos, tendo tambem o merito de pôr em relêvo o devotado interesse, que os seus autores dedicam á instrução dos subordinados, evidenciando assim, as suas personalidades de soldados de raça e de patriotas. O trabalho do sr. Freire dos Reis, é extremamente minucioso e está elaborado com a devida clareza e metodo.

M. S.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Companhias ciclistas. — Com respeito á nova lei votada pelas Camaras, para a organização das unidades do exercito alemão, são creadas companhias ciclistas, á razão de uma por cada um dos 18 batalhões de caçadores.

O quadro de cada companhia compõe-se de um capitão, 2 subalternos, 13 sargentos e 98 soldados.

As praças vestem o uniforme de caçador e são armadas com espingarda m/98.

Nas formações de guerra estas unidades são designadas para auxiliar a cavalaria.

Dirigiveis. — A catastrophe do Zeppelin «L. I.», ocorrida nas proximidades de Heligoland, em setembro ultimo, seguida do recente desastre do dirigivel, «L. H.», sucedido em Johnnithal, com perda de 28 vidas, faz elevar a 10 o numero de dirigiveis que a Alemanha perdeu em poucos anos, a saber:

«Z. I». Construido em 1900. Perdeu-se em 1907.

«Z. II». Construido em 1906. Destruído por uma tempestade em 1907.

«Z. IV». Construido em 1908. Destruído por uma tempestade no mesmo ano.

«Z. II». Construido em 1909. Destruído por uma tempestade em 1910.

«L. Z. VI». Construido em 1909 para o Ministerio de guerra, foi reconstruido em 1910, queimando-se no mesmo ano.

«L. Z. VII». Foi construido em 1910 para o serviço de passageiros. Destruído no bosque de Tintoburger, proximo de Osnebrück, em junho de 1910.

«Schwaden». Destruído em Dusseldorf em junho de 1912. Alguns soldados ficaram ligeiramente feridos.

«Ersatz Z. I». Construido em 1912, foi destruido em Karlsruhe, em 19 de março de 1913.

Por aqui se vê a perseverança e a tenacidade com que o conde de Zeppelin trabalha a favor do seu ideal, tão bem secundado pelo povo alemão e pelo seu governo.

Corpos de automobilistas voluntarios. Analogamente ao que se fez na Prússia e Saxonia, foi creado na Baviera o corpo de automobilistas voluntarios, á frente do qual está o Principe Jorge.

Os voluntarios devem ser socios do Club Automobilista, bavaro e possuir um carro automovel em perfeito estado.

Pertencem durante 3 anos ao referido corpo e nesse espaço de tempo efectuam alguns exercicios militares.

A organização é identica á dos outros corpos alemães e a côr do uniforme é azul claro.

Concurso aereo.—No aerodromo de Wanne, o piloto Basser executou um vôo de três horas de duração, ganhando o premio de 3.000 marcos proveniente de uma subscrição nacional. O seu aparelho era um aeroplano *Tanhe* construido pelo engenheiro Schumacher e dotado de um motor de 70 H P da casa Rheinlinhe Aerowerke de Duseldorf.

É o primeiro vôo executado no aerodromo de Wanne. Brevemente o mesmo piloto tomará parte em um concurso de maior trajecto, feito por subscrição nacional para a aviação.

Estatistica de automoveis.—Desde 1 de janeiro de 1907 que se procede á construção regular de automoveis.

Do exame do quadro das construções organizado em 1912, deduz-se que nos 5 ultimos anos, o numero total de carruagens-automoveis aumentou de cerca de 159 %.

O numero de carruagens para carga aumentou de 144 % e o de carruagens para grandes pesos de 465 %.

Só neste ultimo ano o aumento do numero de veículos, foi de mais de 20 % e o numero de carruagens para grandes pesos aumentou de cerca de 2.500 unidades.

Austria-Hungria

Duração de instrução.—A instrução do soldado de infantaria, conforme o programa geral proposto pelo Estado Maior Central, compreende os numeros de dias, especificados no quadro junto :

	Preparação dos recrutas	Semestre de inverno	Semestre de verão
Numero total de dias	57	111	163
Domingos e dias feriados	10	34	46
Total de dias de instrução	47	77	117

Comissões de recrutamento.—O ministro da guerra pensa em reformar as comissões do recrutamento dando-lhes uma nova organização. Até agora, o numero de districtos de recrutamento era de 102, em harmonia com um numero de regimentos de infantaria, sem contar o Tirol e a Bosnia e Herzegovina.

Primitivamente, o recrutamento fazia-se por regimento, dentro do districto, cujo numero era igual ao do corpo, mas, pouco a pouco, foi-se falseando

este sistema, de modo que se torna necessaria a organização que propõe o ministro da guerra.

As novas comissões de recrutamento ficam completamente dependentes dos regimentos, e para cada uma será mandado um medico militar.

Calcula-se o custo da reforma em 248 milhões de corôas.

Aviação.—As condições exigidas aos aviadores, civis e militares, para alcançar o titulo de piloto, são as seguintes: 1.^a Percorrer em 24 horas a distancia de 100 quilometros, no minimo; 2.^a Voar á altura média de 500^m e aterrar em vôo plano; 3.^a Efectuar um vôo contra o vento com a velocidade de 8^m por segundo.

Actualmente, quatro officiais (um capitão e tres tenentes) e quatro aviadores civis satisfizeram a estas condidões. Os que teem o titulo usam um distinctivo especial.

Belgica

Emprego dos cães na condução de metralhadoras.—Tem continuado as experiencias relativas ao emprego dos cães como meio de tração de um carro especial sobre o qual se coloca a metralhadora. Esta é desmontada por 2 homens, e com a ajuda de 4 póde-se facilmente transpor, em 40 segundos, um muro com 3^m de altura.

A viatura tem 0^m,80 de altura.

China

Estações radio-telegraficas.—A Sociedade telegrafica montou, a titulo de ensaio, duas estações para estabelecer comunicação entre Pekin e Nankin. Além da enorme distancia de 900 quilometros que separam estas estações, elevam-se montanhas com cerca de 1.500^m de altura. Os aparelhos funcionam com uma extensão de onda de 1.200^m.

As iniciais adoptadas para a chamada são P. N. C. para Pekin e N. K. Y. para a segunda estação.

Instrutores alemães.—Obtidas as vantagens esperadas pela instrução alemã no exercito japonéz, a China vai ter por sua vez instrutores militares alemães.

Esta missão compreenderá um tenente-general e um estado maior composto de seis officiais e um interprete, que residirão em Pekin, assim como 200 outros officiais que serão repartidos pelas diferentes regiões de China.

Dinamarca

Nova carabina para cavalaria e engenharia.—A imprensa anuncia a substituição da carabina Remington, modelo 67-96, usada pelas forças de cavalaria e engenharia, por uma nova arma, tambem curta, do tipo Krag-Jorgenson, modelo 89.

A entrega da nova carabina teve logar ha pouco, e pensa-se em dotar a artilharia de campanha com a arma deixada pela cavalaria, em vez de pistola modelo 82, que hoje se usa.

Trabalhos de fortificação.—O ultimo orçamento do exercito importava em 15.930.355 corôas.

Compreende além disso tambem um orçamento extraordinario de 3.836.000 corôas, o que eleva a 19.766.655 corôas o conjunto dos creditos do Ministerio da Guerra.

A distribuição destes creditos é a seguinte .

Orçamento ordinario

	Corôas
Administração central	248.310
Soldos	9.075.750
Viveres suplementares.	60.000
Serviço de saude.	350.000
Fardamento	767.700
Alojamento	428.800
Escolas	258.540
Remota	1.166.000
Indenisação e transportes.	1.036.000
Diversos	156.670
Material.	1.615.000
Fortificações, quartéis.	541.600
Serviço geografico	145.100
Defeza de Bornholm	62.385
Destinos diversos	36.800
Soma.	15.930.355

Orçamento extraordinario

	Corôas
Trabalhos de fortificação.	3.822.000
Idem nos campos	14.300
Soma.	3.836.300

No projecto de reorganisação das fortificações de costa havia-se decidido que os trabalhos seriam executados em 4 anos a partir de 1913, e entrariam assim nos respectivos orçamentos.

Nos fortes de Taarback e de Mosede, que devem flanquear pelo Norte e pelo Sul a defeza maritima de Copenhagne, começaram as obras no ano passado, e custarão 5.000.000 corôas, das quais 1.215.000 estavam incluídas no titulo do ultimo exercicio.

Inglaterra

Grandes manobras de 1913. — As grandes manobras desenvolveram-se no quadrilatero Oundle-Coventry-Reagding-Saint Albans.

As tropas do acantonamento de Aldushot manobraram sob as ordens do

tenente general sir Douglas, durante a segunda e terceira semanas de setembro, na parte sul do citado quadrilátero.

Durante as três primeiras semanas de setembro, a 4.^a divisão sob o comando do general-maior Snow, trabalhou na região central do quadrilátero.

A parte central-oeste do quadrilátero de referência, esteve á disposição do general-maior Rawlinsen, comandante da 3.^a divisão, de 10 a 20 de setembro. A 2.^a brigada de cavalaria procedente de Tidworth, participou das manobras dessa divisão.

A 4.^a brigada de cavalaria manobrou na região Couventry-Banbury-Weedon-Rugby, durante a primeira quinzena de setembro, incorporando-se na 4.^a divisão.

A parte norte do quadrilátero foi ocupada durante a terceira semana de setembro, por unidades do exercito territorial (*Territorial Forces*), que preencheram a primeira semana de instrução anual antes de tomar parte nas manobras técnicas do exercito, que, este ano, constituiram a fase final da instrução colectiva.

Nestas manobras do exercito que tiveram lugar em uma direcção norte, durante a 4.^a semana de setembro, concentraram-se em Chilterns, sob o comando do general French, quatro divisões de infantaria e uma de cavalaria.

A radiotelegrafia em Africa.—Estão muito adeantados os trabalhos começados para o estabelecimento das comunicações radiotelegraficas em Africa.

O posto de telegrafia sem fio de Fort-Larmy, situado a 100^{qm} do lago Tchad, na direcção SSE, está concluido e acha-se ligado directamente com a estação aberta em junho passado em N'Guigni.

A distancia que em linha recta existe entre os dois pontos é de 210^{qm}, e a potencia média dos referidos postos é de 306^{qm}.

O estabelecimento desta comunicação permite ligar a rede telegrafica da Africa equatorial, cujo extremo é Fort-Hamy, com a da Africa occidental francesa, que termina em N'Guigni.

Finalmente, por meio desta rede e do cabo francês de Brest a Dakar, a Africa equatorial encontra-se ligada com a França.

Italia

Organização de um curso de construção aeronautica.— Por decreto ministerial acaba de ser organizado no estabelecimento de experiencias e de construções aeronauticas militares, um curso de construção aeronautica, com a duração de 9 mezes e relativo : á aeronautica e sua tecnologia, á construção dos aeroplanos e dos motores de explosão, á mecanica geral, etc.

Este curso póde ser frequentado :

- a) Pelos oficiais do exercito, na actividade ou de licença, saídos da Escola de aplicação de artilharia e engenharia ;
- b) Pelos oficiais de marinha ;
- c) Pelos pilotos de dirigiveis ;
- d) Pelos engenheiros civis ;
- e) Pelos doutores em ciencias fisicas e matemáticas.
- f) Por todos aqueles que apresentem titulos suficientes de cultura intelectual.

Uma comissão, nomeada pelo ministro da guerra escolhe os 15 candidatos a admitir no curso em face dos diplomas apresentados pelos candidatos, podendo a referida comissão submeter a um exame alguns dos candidatos.

Efectivos.—No ano último findo os efectivos de pé de paz eram de 14:121 oficiais e 250:000 soldados.

Em 1909 foi de 205:000 homens, passando sucessivamente a 225:000, 230:000 e por fim, a 250:000 homens. Esse aumento de 45:000 homens divide-se assim : 28:757 na infantaria, 10:047 na artilharia e o resto nas outras armas e serviços.

Deve-se notar que, segundo a organização actual, o efectivo deveria ser de 15:505 oficiais e 290:318 homens.

Noruega

Companhia de ciclistas.—Estas companhias estão affectas a cada uma das 5 brigadas independentes. O seu quadro compõe-se de 1 capitão, 1 tenente, 4 sargentos e 75 soldados.

Em tempo de guerra aumenta-se o número de soldados até 102, e juntam-se-lhes 4 soldados de engenharia, 2 telegrafistas e 2 mecanicos.

As companhias ciclistas só funcionam como tais durante o verão, pois no inverno convertem-se em companhias de patinadores em skis.

Roumania

Novo agrupamento dos regimentos de cavalaria.—Até aqui os 11 regimentos de *rochiori* (hussards) e os 9 regimentos de *calarechi* (caçadores) estavam agrupados em 10 brigadas de 2 regimentos.

Por um decreto de 7 de outubro foi criado um 10.º regimento de *calarechi* e distribuidos os 21 regimentos e o regimento da escolta em 6 brigadas de 3 regimentos e 2 outras de 2 regimentos.

Estas brigadas, ligadas administrativamente a 2 corpos de exercito e a 6 divisões, são grupadas, sob o ponto de vista tecnico, em duas sub-inspecções.

Russia

Direcção do serviço activo.—O periodo de 1.ª instrução compreende 3 anos na infantaria e artilharia a pé, 4 anos nas outras armas.

Segundo o *Berliner Tageblatt*, acaba de ser apresentado á Duma um projecto de lei aumentando de 3 meses a duração do serviço activo. Esta medida terá por consequencia importante a presença constante em armas de 3 classes de infantaria e 4 de cavalaria *completamente instruidas*.

Suecia

Manobras em 1913.—As manobras deste ano realisaram-se durante a 2.ª quinzena de setembro, nas provincias de Jamtland e Vasternawland, sob a direcção pessoal do rei.

Tomaram parte as seguintes forças : 6.ª divisão, e as tropas da fortaleza de Boden, com certas unidades das 3.ª, 4.ª e 5.ª divisões, formando um total de 22 batalhões de infantaria, 5 esquadrões de cavalaria, 12 baterias de fortaleza (2 delas de obuzes), 2 baterias de metralhadoras, 1 batalhão de artilharia

de praça, 1 companhia de engenheiros, 3 colúnas de pontes, 3 secções de telegrafistas, 2 de iluminação em campanha e 2 companhias de saúde.

Turquia

Causas de derrota das tropas. — O general von der Goltz publicou na *Revue Freie Presse* (Viena), as causas a que ele crê terem sido devidas as derrotas da Turquia na última guerra balkanica. Tais causas são concretisadas do seguinte modo :

«De ordem militar : O exercito turco em tempo de paz assemelha-se mais a uma tropa de policia do que a um exercito regular, porquanto só se occupava em restabelecer a ordem interna ; até 1908, o sultão Abdul-Hamid tinha proibido as manobras, assim como exercicios de tiro, permitindo sómente os exercicios nos quartéis ; a partir de 1909, começou o serviço moderno ; porém, quando rebentou a guerra, *sómente três contingentes tinham recebido instrução*, não existindo pois quadros instruidos, e faltando por completo a instrução nas reservas.

«De ordem politica : Scisão produzida no exercito pela intervenção do corpo de officiaes na politica, lei de reorganização dos corpos (1909), que trans-tornou o alto comando ; Abdul-Hamid, politico sagaz, havia inclinado o animo dos governantes mais para a politica do que para a necessidade de uma força militar, fazendo-lhes crêr que, em caso de necessidade, poderiam contar com aliados, especialmente com a Romania ; e, emfim, a agitação interna no momento da guerra, por motivo das proximas eleições.

O general von der Goltz manifesta que desde 1909 a 1912, tinham sido intentadas varias medidas de reorganização, tais como a adoção de um novo uniforme de campanha, o aumento das reservas e munições (estas últimas muito limitadas em virtude de razões economicas), a criação de uma officialidade de reserva, a ida de officiaes a praticas especiais, que até então não se executavam, e a organização de *regimentos modelos* destinados á difusão no conjunto do exercito, do conhecimento da moderna preparação militar para a guerra.

O general resume a sua opinião do seguinte modo : «O exercito turco representava um exercito de recrutas (os batalhões de linha não tinham mais de 50 homens instruidos) contra um exercito que teve 25 anos de preparação moderna e intensa».

II

PARTE MARITIMA

Portugal

Contra-torpedeiro «Douro». — Experiencias. — Realizaram-se em duas bases, medidas pelo capitão de fragata Ramos da Costa, tendo a primeira 1,812 milha e a segunda uma milha exacta. A primeira em fundos superiores a 54 metros, no alinhamento da Torre de Belem, pela frente SE de S. Julião e entre os enfiamentos Oeste : farois do Cabo da Roca e Raso e Leste : Peninha e Farol da Guia. A segunda, em fundos inferiores a 14,4 metros no enfiamento dum moinho em Cai-Agua, por uma marca nas terras de Parede e entre os

enfiamentos de Oeste: farol de Santa Marta pela torre do palacete Castro Gni-marães a Leste: cupula do convento de Santo Antonio do Estoril, por uma marca colocada na praia.

Os percursos fizeram-se a 12, 15, 18, 22, 25 e 27 milhas, fazendo-se sempre, para cada uma destas velocidades, um minimo de dois percursos em sentidos opostos.

A carga do navio era de 108 toneladas, assim divididas:

Carvão	70 toneladas
Guarnição e bagagens.	10 »
Aguada.	5 »
Mantimentos.	3 »
1 Peça de 4 ^m /m	3,5 »
2 Peças ou 12 pounders	4 »
2 tubos lança-torpedos	2 »
Sobresalentes.	4 »
Munições relativas á artilharia e torpedos, substituidos nestas experiencias por sob- resalentes	6,5 »

108

Pelo contrato a potencia de 11:000 cavalos, medida nos veios, deveria ser desenvolvida a 750 rotações e a velocidade correspondente deveria ser de 27 milhas, como porém, aquella potência foi atingida com 720 rotações, a velocidade correspondente ás 750 rotações foi de 28 milhas.

Italia

Faleceu o major-general Cuniberti, em Roma, em 20 de dezembro findo.

M. Vittorio-Emanuele Cuniberti, tinha 59 anos. Nascido em Turim, entrou muito novo na Escola Naval de Genova, donde saiu em 1877, como tenente de engenharia naval, tendo sido logo distinguido pelo celebre engenheiro Benedetto Brin, de quem se tornou o melhor discipulo e amigo.

Cuniberti foi o mais original dos engenheiros navais e talvez o mais genial do seu tempo.

Teve nas marinhas modernas, grande influencia, não só pelos navios que construiu, mas tambem pelo que escreveu. Em 1894, ele imaginou os couraçados tipo *Benedetto Brin*, que andavam 21 milhas, fortemente armados, mas ligeiramente couraçados, que fizeram sensação naquela epoca. Pouco depois, propunha os couraçados de grande velocidade, armados de peças de um só grande calibre e traçava em 1898, o ante-projecto do tipo *Amalfi* de 8.000 toneladas, 21 milhas, 15^{cm} de couraça, e 12 peças de 203^{mm}. Mais tarde concebeu o tipo do explorador extra-rapido de que o *Quarto*, vindo dez anos mais tarde, não é mais que a sua reprodução.

Depois de algumas transformações e de lutas, os *Amalfi* deram origem aos *Vittorio-Emanuele*, de 11.000 toneladas 22 milhas, armado com duas peças de 30,5, doze de 203 e conraçados com 25^{cm} de flutuação.

Em 1903, Cuniberti trabalhava em couraçar o seu tipo de exploradores e

publicava no *All the World Fighting Ships*, um artigo de sensação: «O navio de combate ideal»: que era um navio armado com 12 peças de 305, couraça de 305^{mm}, andando 24 milhas e deslocando 17.090 toneladas, foi o antecessor do moderno dreadnought que apareceu três annos depois e que deverá revolucionar a marinha.

Depois de ter sido sub-director das construções navais em Castellamare, depois director em Napoles, o general Cuniberti exerceu as altas funções de presidente do conselho dos projectos e planos de navios, quando foi atingido pela morte.

Ultimamente, projectava um monitor destinado a ter um armamento que desenvolvesse o maximo da potencia de torpedos de grande alcance, ao mesmo tempo que fosse protegido contra os projectis atirados verticalmente pelos dirigiveis e que fosse invulneravel aos ataques dos sub-marinos.

Duma grande ousadia nas construções metalicas, Cuniberti, tirava tudo o que podia do deslocamento, empregando os materiais no limite da sua resistencia, com artificios de construção muito engenhosos e sabios, pelo que lhe censuravam falta de solidez nos seus navios.

Em todo o caso eles eram modernos, fortemente armados, rapidos e relativamente baratos, qualidades todas atendiveis para o Mediterraneo, onde eles deviam navegar.

A Italia perdeu um excelente servidor e a ciencia um homem de genio.

O *San-Giorgio*, de que se annunciou o segundo encalhe grave no estreito de Messina, foi posto a nado com muito custo em 15 de dezembro findo.

A fabrica de artilharia Ansaldo, de Sampierdarena, pode já fabricar peças de 38^{cm} de fio d'aço e grossas chapas de couraçamento.

Foram encomendados os materiais para a construção de dois couraçados de 30.000 toneladas. Um terceiro couraçado deste tipo será começado em 1915 e em seguida deverá ser começado um couraçado por cada ano.

O ministro das finanças, annunciou que para este efeito, seria feito cada ano um credito de 10 milhões de liras, de modo a alcançar em 1917-18 um total de 120 milhões de liras para as novas construções, soma julgada necessaria para a construção dum grande couraçado e das unidades secundarias ou auxiliares indispensaveis, bem como as unidades aereas.

Os novos exploradores a começar nos estaleiros brevemente, terão 5.000 toneladas de deslocamento, 27,5 milhas de velocidade, castelo levantado para aguentar mar duro, um ligeiro couraçamento de cintura e um convez couraçado.

A Italia tem quatro novos tipos de submersiveis em construção ou acahados dentro em pouco: 1.º os *Zoca*, que constam 8 unidades, lançados em 1912-1913 pela Sociedade Fiat, 300 toneladas mergulhado, 600 cavalos, 16 milhas á superficie, 8 milhas mergulhado e dois tubos lança-torpedos; 2.º *Giacinto Pullino* e *Ferraris*, Sociedade Fiat, 345 toneladas á superficie, 400 toneladas submersas, 47^m de comprimento, 4^m,50 de bôca, 1:200 cavalos, 15,9 milhas, motores Diesel e seis tubos; 3.º, *Nautilus* e *Nereide*, tipo *Bernardi*, em Veneza, lançados em 1913, 225 toneladas á superficie, 320 toneladas mergu-

lhado, 600 cavalos' 41^m de comprimento, 4^m,30 de bôca, 16 milhas (chegando a dar 19) á superficie e 8 a 9 milhas mergulhado; 4.^o, *Atrapo*, unico da classe, Sociedade Germanica, de Kiel, 320 toneladas mergulhado, dois motores Diesel de 350 cavalos cada um, 12,5 milhas á superficie, 1.590 milhas de raio de ação e motores electricos de 400 cavalos (mergulhado).

Com este programa fica a Italia com 20 submersiveis.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

Portugal

- 1 MARTINS (LUÍS AUGUSTO FERREIRA) capitão de artilharia, com o curso de estado maior. *Avaliação de distancias em campanha*. Folheto de 130 pag. Lisboa, 1913.
(Separata da «Revista de Artilharia»).
- 2 GIL (JOSÉ CESAR FERREIRA) coronel de infantaria. *A infantaria portuguesa na guerra da Península*. Segunda parte. Um vol. in-8.^o 654 pag., 3 mapas e grav. no texto. Tipografia da Cooperativa Militar, Lisboa, 1913.
- 3 BALLISTOL. *Conservação das novas espingardas*. Folheto. Lisboa, 1913.
(Separata da «Revista de Infantaria»)

Alemanha

- 1 MAYER (général). *Zur Neuentwicklung der*. 1913 Fr. 3,50
- 2 HÆHN. *Führungstechnik der Artillerie des Feldheeres* (Feldartillerie und Schwere Artillerie). Theodor Riedel's Buchhandlung. München, 1913.
- 3 HABERMANN, 100. *Gefechtsmomente und Führungsaufgaben*. Wien, 1913.
- 4 STÖGER-STEINER. *Über die taktische Verwendung und Führung von Infanterie maschinengewehrabteilungen im Gefechte*. Wien, 1913. K. 1,40
- 5 BERGER. *Freiheit, Stimmen aus der Zeit deutscher Wiedergeburt vor Jahren*. Leipzig, 1913. Gebd M. 1,50
- 6 GEERKE. *Napoleon vom Leutnant zum Kaiser*. Leipzig, 1913. Gebd. M. 1,30
- 7 ZIEGLER. *Moderne Kriegspulver, ihre Geschichte, Herstellung, Wirkungsweise und Prüfung*, Berlin, 1913 M. 1
- 8 Staatsburger Bibliothek, Heft 4. *Das Landheer*. M. Gladbach, 1913 M. 0,40
- 9 MEYER. *Der Balkankrieg 1912-13*, Teil 2. Berlin, 1913 M. 3,50
- 10 *Die deutschen Kriegslasten unter Napoleon I*. Schrift 7 des Deutschen Wehrvereins. Berlin, 1913 M. 0,50
- 11 *Die deutsche Kriegsflotte 1913*. Zweiter Jahrgang. Herausgegeben von Töche. Mittler. Berlin, 1913 M. 1
- 12 VOGELS. *Karte des Deutschen Reichs und der Alpenländer*. 1:500.000. Herausgegeben von P. Langhans. Lieferung 1, Blatt Berlin und Wien Gotha 1913 M. 3
- 13 HOPPENSTEDT. *Der Kampf der verlundenen Waffen*. Berlin, 1913 M. 2,25
- 14 HÆHN. *Führungstechnik der Artillerie des Feldheeres*. Dritte Auflage. München, 1913 M. 2

França

- 1 BAST (G.). *Le Maréchal Canrobert. Souvenirs d'un siècle T. 6: Bataille de St Privat*. In-8.º, xxix-635 p. avec six cartes. 1913. (17 juin). Plon-Nourrit et C^{ie}. Paris Fr. 7,50
- 2 DERVILLE (lieutenant) de l'infanterie coloniale. *Emploi et Organisation des sections de mitrailleuses aux colonies*. In 8.º, 39 p. (11 juin) 1913. Impr. et Libr. militaire universelle. Paris,
- 3 JULLIOT (Ch. L.) docteur en droit officier d'administration de deuxième classe de territoriale. *Manuel des testaments aux armées, à l'usage des officiers, fonctionnaires de l'Intendance et médecins militaires*. Petit in-8.º, 29 p. (18 juin) 1913. 30 René Chapelot, rue Dauphine. Paris. (Extrait du «Caducée» n.ºs 2 et 6 de 1913).
- 4 *Société française de secours aux blessés militaires des armées de terre et de mer*. Croix-rouge française, 9^e délégation. Comité départemental d'Indre-et-Loire Rapport de M. le colonel Huet, vice-président du comité d'Indre-et-Loire. In 8.º, 151 p. et annonces. E. Ménard et C^{ie}. Tours. 1913.
- 5 CARRÉ (capitaine H.). *Manuel d'éducation guerrière. Livre de l'officier. Les Enseignements et les Exemples*. In-12, 134 p. Charles Lavauzelle. Paris. 1913 Fr. 1,50
- 6 CARRÉ (capitaine H.). *Manuel d'éducation guerrière. Livre du soldat. Les Conseils et les Préceptes*. In-12, 43 p. Charles-Lavauzelle. Paris C. 50
- 7 ESTIENNE (colonel J. E.). *La Valeur militaire de l'aviation*. Conférence faite le 24 janvier 1913, aux officiers de complément de la garnison de Lyon. In-8.º, 14 p. Berger-Levrault. Paris. 1913. (Extrait de la «Revue d'artillerie» janvier 1913).
- 8 FRIGNET-DESPRÉAUX (colonel). *Le Maréchal Mortier, duc de Trévise; par son petit-neveu le colonel Frignet-Despréaux, de l'ancien corps d'état-major*. T. 1^{er}: 1768-1797. Avec 3 planches en phototypie et 5 cartes hors texte. In 8.º, viii-453 p. Berger-Levrault Paris Fr. 20
- 9 HAMANT (lieutenant J.) du 16^e bataillon de chasseurs. *Conférence sur l'éducation physique dans l'armée*. In-8.º, 23 p. Impr Fleury. Mainerns. 1913.
- 10 LOIZEAU (capitaine L.) et Toucard. *La Guerre des Balkans*. Esquisse générale des opérations. Suivi de: la Maîtrise de l'Adriatique; par l'enseigne de vaisseau Touchard. Préface de M. le général de Lacroix. Avec trois cartes et un croquis. In-8.º, 63 p. Berger-Levrault. Paris. 1913 Fr. 2,50
- 11 MARCHAL (lieutenant G. H.). *La Loi de trois ans. Nécessité de son rétablissement*. Les Contre-projets. La Loi de 1867-1868. Conclusion. In 8.º, 42 p. G. Grassin. Angers, 1913 C. 75
- 12 *Règlements (les) sur les mitrailleuses allemandes (groupes et compagnies)*. Mis à jour jusqu'au 1^{er} janvier 1912 Traduit de l'allemand: par le capitaine Schœnlaub. Avec 13 gravures dans le texte. In-8.º, 128 p. Charles-Lavauzelle. Paris. 1912 Fr. 2,50
- 13 REINACH (J.) député. *L'Armée toujours prête*. In-16, xviii-449 p. Berger-Levrault. Paris Fr. 3,50
- 14 *Société de secours aux blessés militaires* Comité de Caen. Conférence faite le 27 avril 1912, par le général Lacoste, président du comité, sur la mobilisation de l'hôpital auxiliaire du territoire n.º 9, situé à Héronville, près Caen. In-8.º, 28 p. H. Delesques. Caen. 1912.
- 15 DUFAY (capitaine X) artillerie docteur en droit. *Les Garanties accordées à la défense devant les tribunaux militaires*. In-8.º, 165 p. 1913. Impr. Cariage. Besançon.
- 16 ROBAIN (P.) membre des comités directeurs de l'Action française. *La Guerre des Balkans. Les enseignements politiques*. Conférence faite à Vailly-sur-Aisne, le 22 décembre 1912. In-8.º, 24 p. 13-15, rue Saint-

- Antoine. 1913 «L'Argus soissonais. Soissons». Section soissonaise d'Action française C. 25
- 17 SOULIER (H.) docteur en droit, ancien membre du conseil général du Gard, ancien maire d'Anduze. *Le Service de trois ans*. Petit in-8.°, 8 p. A. Castagnier. Anduze (Gard).
- 18 LEROY (G.). *L'Armée sauvegarde du proletariat*. In-16, 46 p. libr. G. Dussardier et P. Frank. Paris. 1913 C. 30

Inghilterra

- 1 *Government Publications* :
- MILITARY. *Military Engineering*. Part III. Military Bridging-General Principles and Materials 1/
- *Examination Papers*, etc., for Admission to the Staff College, Camberley, held in June-July, 1913 1/
- *Handbook of the Range Finder*, Infantry No. 2 (Barr and Stroud) 1913 8d
- *Sudan Almanac*, 1914 1/
- *Text Book of Topographical and Geographical Surveying*, 1913 7/6
- *Camel Corps Training* (Provisional), 1913 8d
- *Standing Orders of the Garrison Shoeburyness*, 1913 1/6
- *Amendments dated 1st December, 1913, to Regulations for Army Ordnance Services*, Part 1, 1912 1d
- ADMIRALTY. *King's Regulations and Admiralty Instructions*, 1913. 2 vols. 5/
- *Supplement*, 1913, relating to Irish Coast Pilot *Gratis to Purchasers of Irish Coast Pilot*.
- *Revised Supplement*, 1913, relating to the Australia Directory, Vol. 1. *Gratis to Purchasers of Australia Directory, Vol. 1*.
- *Eastern Archipelago Pilot*, Part II. (Western Part), comprising the South Coast of Sumatra. Java, etc., 1913 3/6
- 2 PENN (C. D.) *The Navy under the Early Stuarts and its Influence on English History*. Cr. 8vo, pp. 318. *The Faith Press* net 5/
- 3 BRUNKER (Lieut Colonel H. M. E.) *Military History for Examinations*. Questions on the Jena Campaign, 1806. With Remarks, Criticisms, and Map, interleaved with plain paper for answers. Cr. 8vo, swd., pp. 42. *Forster, Groom* 1/6
- 4 BRUNKER (Lieut Colonel H. M. E.) *Story of the Jena Campaign*, 1806. With Maps and Plans. Demy 8vo, pp. 120. *Forster, Groom* 5/
- 5 HURD (Archibald) *Our Navy*. With a preface by the Earl of Selborne. 12mo, pp. x-270. *Warne* net 1/
- 6 MAGUIRE (T. Miller) *The Campaign of 1806*. Royal 8vo. *W. Clowes* net 4/
- 7 *Officer's Training Corps Year Book and Diary* (The), 1914. Compiled by H. Douglas Steers. (2nd year of publication). 32mo, pp. 258-36. *Forster, Groom* 1/
- 8 LECKY (Halton Stirling) *The King's Ships*. Vol. II. Royal 8vo, pp. 370. *Muirhead* net 42/
- 9 PENN (C. D.) *The Navy under the Early Stuarts and Its Influence on English History*. Cr. 8vo, pp. xvi-302. *Faith Press* net 5/
- 10 ANDERSON (J. H.) *The Campaign of Jena*. 1806. 8vo, pp. 84. *H. Rees* net 3/6
- 11 LINGS (Harold C.) *Musketry Lectures for Non-Commissioned Officers of the Territorial Force*. 16mo. *Gale & Polden* net 2/

Italia

- 1 COUPAGE e MALAVAL. *La resistenza delle Artiglierie*. Turin, 1913.
- 2 SALARIS. *Una famiglia di militari italiani dei secoli XVI e XVII*. I Savorgnano. (Con 9 illustrazioni). Roma, B. Benedetti e V. Gamba, 1913.

- 3 LONGO. *Linee telegrafiche e telefoniche in cavi*. Roma, Filli Capaccini, 1913.
- 4 *Memorie storiche-militari*. Fasc. III (19^o della raccolta). Città di Castello, Unione arti grafiche, 1913.
- 5 IMPERATO. *Atlante di bandiere, insegne, distintivi dei principali Stati del mondo*.

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 11 de novembro de 1913. Peças de grosso calibre na artilharia de marinha. Sobre necessidades de navegação. Administração Central de marinha. Anotação sobre a aplicação da análise harmonica ás marés. Contra-torpedeiro *Douro*.
- 2 *O Instituto*, n.º 11 de novembro de 1913. A significação da festa da arvore. Artes industriais e industrias portuguesas. O Fausto de Goethe. Memorias arqueologicas-historicas do distrito de Bragança. Memorias de Castilho.
- 3 *O Oriente português*, n.ºs 9 e 10 de setembro e outubro de 1913. Fr. Ephraim de Nevers e a inquisição de Goa. Onde estão as alfaias do Colegio das onze mil virgens da cidade de Damão? Documentos dos arquivos particulares. *Varia variorum*.
- 4 *Revista de artilharia*, n.º 114 de dezembro de 1913. Estudo elementar da dispersão, probabilidade e efeitos do tiro. Estudo sobre defeza das costas. A instrução das unidades de artilharia da defeza terrestre de Lisboa. A artilharia suissa nas manobras de 1912. Comemoração centenaria da guerra peninsular.
- 5 *Revista de engenharia militar*, n.ºs de setembro e outubro de 1913. Sobre a necessidade que tem ás nações de fomentar e manter o prestigio dos chefes do exercito. O serviço de telegrafistas de campanha. A cidade do Huampo. Algumas formulas de resistencia de vigas e de lages. Tratado que o doutor Pero Nunez fez sobre certas duvidas da navegação dirigido a el Rey nosso senhor. Estudo dos ventos em Portugal.
- 6 *Revista de infantaria*, n.º de dezembro de 1913. A proposito do regulamento tactico de infantaria. A instrução tecnica dos officiais. Equipamento ^{m/912} da infantaria. A tração canina nas metralhadoras. S. Ex.ªs os Ministros da guerra e da marinha. Serviços sanitarios em campanha.
- 7 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 142 de dezembro de 1913. Excursão de clinica ambulatoria a Galveias pelos alunos do 4.º e 5.º anos do curso de medicina veterinaria. Doenças, rubras dos porcos. Gado bovino da Africa portugueza para consumo de Lisboa.
- 8 *Revista ilustrada* da «Sociedade Hipica Portuguesa», n.ºs de outubro e novembro de 1913. Cronica. O grande premio de San-Sebastian. Conversando. Pelo fio... Elvas. S. João do Estoril. San Sebastian. Correo.

Alemanha

- 1 *Artilleristische Monatshefte*, n.º 84 de dezembro de 1913. Schubplatzrückblicke 1913. Tätigkeit einer Batterie in dem Gefechte von Weibenbrug. Skutari. Der Anfang des Feldartillerieregiments Prinz August von Prenben. Ein flub der Abstandsänderung des Zúles und des Wetters auf den Schub. Neuere Versuche der Fried. Krupp S. G. über innere Ballistik I.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 250 de novembro de 1913. Consideraciones relativas al tema de exploración estrategica. El nuevo equipo para la in-

fanteria. Metodos de analisis y ensayos del «Trotyl». Explosivos aromaticos. Identidad de la escuela franceza y la Alemana en estrategia y tactica. Raid y prueblas de fondo.

Belgica

- 1 *Bulletin de la presse et de la bibliographie militaires*, n.º 710 e 711 de 15 e 31 de dezembro de 1913. Vaincre, c'est conserver d'initiative, c'est-à-dire ataque. Caractéristiques et propriétés militaires des divers types de ballons dirigeables. Les effets des armes à feu dans les principales campagnes, depuis le XVIIIe siècle jusqu'à nos jours.
- 2 *Revue de l'armée belge*, n.º de setembro e outubro de 1913. Tir contre but mobile. Artillerie de campagne: Obusier de 120^{mm} tir rapide. Organisation du tir indirect de l'infanterie. La guerre des Balkans de 1911-12 Trois conférences données aux miliciens de 1913. Attaque et défense des fortifications d'arrêt au cours de la guerre de campagne. Détermination mathématique de l'ation du mors de bride. Balle à noyau d'acier et chemise de plomb. Balle à pointe effilée en Espagne.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado Maior do exercito*, n.º 6 de dezembro de 1913. Notas editoriais. As heroínas do Brazil. Para a artilharia. Alimentação e reabastecimento dos exercitos em campanha. Grandes soldados do Brazil Artilharia de campanha. Guerra da cisplatina. Lugar de 1.º tenente medico do batalhão. Second Prize, Gssay Competition of 1912. Nuvem migrante.
- 2 *O tiro*, n.º 54 e 55 de outubro e novembro de 1913. Relatorio do Campeonato de tiro ao alvo de 1913. Campeonato de tiro de 1913 O projecto n.º 30. Regulamento de manobras. Boletim da Confederação do tiro brasileiro. Defeza nacional. Revista das revistas. Palavras de justiça. Informações officiaes. Regulamento de exercicios para infantaria. Justa emulação. Prisão de um atirador.
- 3 *Revista maritima brasileira*, n.º 5 de novembro de 1913. Gloria aos heroes. Pró Marinha. O super-calibre. O exame das polvoras. Uma nova applicação da telegraphia sem fio. Um novo projecto maritimo muito bom ou muito máo. Historia da oceanographia Instructoria de torpedos e minas. Santa Catarina na Marinha.

Chili

- 1 *Memorial del Estado Mayor del ejercito de Chile*, n.º de dezembro de 1913. El servicio administrativo del ejercito. Opiniones alemanas sobre la guerra moderna. Explosivos. El fusil de la infantaria i la metralladora. Projectiles de illuminación. Algo sobre el efecto de las balas P. Anti-alcoholismo. El obuz lijero de campaña. La pistola de la artilleria de campaña.
- 2 *Revista de marina*, n.º 329 de 30 de novembro de 1913. Método rapido de determinar los cursos de rebuscas i los problemas de interception. Se verifica una vez mas la formula: «cada casa en su lugar i el buque está adrizado. La telegrafia sin hilos i el sonido como auxiliares de la navegacion. Nuevos métodos para determinar una recta de altura. Relaciones de las fortificaciones de costa con la estrategia naval. Aplicacion de la telegrafia sin hilos para la transmission de la hora. Algunos apuentes sobre las maquinas de los buques de guerra. Guerra naval. La guerra italo-turca. Los obuzes jenesicos. Perspectivas de competencia entre el canal de Suez i el de Panamá. Economias? Cartas al Directorio. Aeronautica.

Espanha

- 1 *Boletim de intendencia e intervencion militares*, n.º 25 de dezembro de 1913. Nuevo trigo gigante de Alaska. Antecedentes y datos para la historia de la Intervención Militar en España. Análises de substancias

alimenticias. Formula empleada en Francia para evaluar la potencia de los motores de los automóviles. Los diplomados administrativos en Inglaterra.

- 2 *Estudios militares*, n.º 6 de dezembro de 1913. El general D. Modesto Navarro. Psicología militar. Memoria hecha sobre la base de apuntes tomadas durante el curso de 1911 en la Escuela de tiro de Infantería. La guerra en los Balkanes. El problema artillero español: encargo de organización de la artillería de campaña. Las grandes maniobras francesas en 1912. Bosquejos sociales. Los discípulos. Reglamento de tiro de metraladoras en el ejército austro húngaro. El enlace de las armas en el campo de batalla. Instrucción metódica de los cuadros y de los alumnos cabos.
- 3 *Memorial de artillería*, n.º de dezembro de 1913. Por los grandes calibres. El tiro de la artillería contra dirigibles y aeroplanos. Espejos parabólicos empleados en los proyectores eléctricos.
- 4 *Memorial de infantería*, n.º 24 de dezembro de 1913. La guerra en Marruecos. Filosofía del honor. Viriato. Columnas volantes. El soldado de infantería y el reclutamiento del ejército. Enseñanzas de la guerra del Rif. Pistolas automáticas. Pacas y contra-pacas. Alza automática para artillería de costa.
- 5 *Memorial de ingenieros del ejército*, n.º 12 de dezembro de 1913. Las instalaciones de ingenieros en la Exposición de material científico. Bloqueo y asedio marítimos. Sociedad radio-electrique de Paris. Ne-crología.
- 6 *Revista científico militar*, n.ºs 23 e 24 de 10 e 25 de dezembro de 1913. La situación marítima de las islas británicas. Ley alemana sobre el servicio militar de los alemanes que residen en el extranjero. La fortificación en las guerras napoleónicas. De quien han aprendido los bulgaros? Proyectoil de trayectoria luminosa.
- 7 *Revista de caballería*, n.º 138 de dezembro de 1913. El perro de guerra en Marruecos. Ametralladoras afectas á la Caballería. Información de estudios y experiencias de la Escuela Central de Tiro. Memoria presentada por el capitán del cuarto depósito de remontaes D. Alvaro de Prendas Gonzalez, sobre las pruebas efectuadas por el ganado del mismo. De Lüle Burgos á Tchataldja. Segundo depósito de caballos sementales. Producción del caballo inglés en España. Escuela de Equitación Militar.
- 8 *Revista internacional militar*, n.º de noviembre de 1913. Los perros en la guerra. Cañones y ametralladoras. Que lecciones deben deducirse de la guerra ruso-japonesa para el empleo de la artillería de campaña en la guerra? Consideraciones sobre la artillería pesada de Austria-Hungría.
- 9 *Revista técnica de infantería y caballería*, n.ºs de 1 e 15 de dezembro de 1913. Estudios sobre táctica de infantería: Las enseñanzas de la campaña de Mandchuria. El nuevo Reglamento inglés para el servicio en campaña (1912). Ascensos y recompensas: Cruz militar de San Fernando. Echos militares en la Guinea española.

Estados- Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillerie*, n.º 124 de noviembre-diezemb-ro de 1913. A suggested form of presentation of the drill for the 10 inch or the 12-inch gun on a disappearing carriage. Notes on interior ballistics. Aids to the study of the siège of Port Arthur. Device for checking final azimuths und in mortar fire. Gazoline: density and officie-nery. War color for artillery harbor boats. Coast defense in the civil war fort. Meconworth Carolina.

França

- 1 *Journal des sciences militaires*, n.ºs 143 e 144 de 1 e 15 de dezembro de 1913. Cohésion et liaisons dans la guerre de place. Étude sur les

- conséquences de la nouvelle organisation de la cavalerie. Technique nouvelle pour l'infanterie. Cadres de bois. Cadres de guerre. Étude historique sur la discipline et le droit de punir dans l'armée française. Instructeurs militaires allemands et français en Turquie. L'artillerie de campagne dans la guerre russo-japonaise. Comment devrions-nous organiser nos grandes places de la frontière du Nord-Est.
- 2 *La revue d'infanterie*, n.º 324 de 15 de dezembro de 1913. Le fantassin à l'instruction. Le fantassin en campagne dans les principales armées : Grèce. Organisation des champs de tir. Le groupe cycliste et la division de cavalerie. Règlement italien sur la télégraphie par signaux.
 - 3 *L'Opinion militaire*, n.ºs 74 e 75 de 10 e 25 de dezembro de 1913. La maîtrise de l'air. Une rentrée sensationnelle. Préparation et perfectionnement militaires. La reconstitution de l'encadrement de l'infanterie. La politique étrangère. Manœuvres économiques. L'Université et l'armée — La loi de 3 ans. Doctrine et discipline. — Initiative et personnalité. L'éducation guerrière par l'exemple.
 - 4 *Le spectateur militaire*, n.ºs 557 e 558 de 1 e 15 de dezembro de 1913. Batailles oubliées. — L'invasion de la France par les Suisses en 1815. La mission militaire française au Pérou. Les transports sahariens. Waterloo. Nictzsche et ses pensées par la guerre.
 - 5 *Revue d'artillerie*, n.º de dezembro de 1913. Réflexions d'un artilleur sur les manœuvres de 1913. De l'éducation physique dans les troupes d'artillerie. Intégration de l'équation du mouvement oscillatoire des parois d'une bouche à feu. Deuxième note sur la correction du vent. L'emploi de l'artillerie au Maroc. Note sur une boussole de reconnaissance.
 - 6 *Revue de cavalerie*, n.º de dezembro de 1913. Définitions : De l'offensive. La «Lava» dans la cavalerie russe. Découverte?... ou Sûreté? Combat de cavalerie (études). Variétés historiques : Les étendards du 4^e dragons. Le nouveau règlement d'équitation du 29 mai 1911 pour l'armée allemande. Travail sur la bride. Variétés : Les vingt dragons d'Arcole.
 - 7 *Revue d'études militaires*, n.ºs 15 e 16 de 1 e 16 de dezembro de 1913. Préparation aux examens oraux. Quelques principes de commandement
 - 8 *Revue du génie militaire*, n.º de dezembro de 1913. Les chemins de fer militaires au Maroc occidental. Démolition des parabolles du stand de Saint Maixent. Appareil de battage des pilotes. Sauvetage d'un puisatier à Vincy. Manœuvre. Nécrologie. Fortifications, etc., Casernement, etc., Communications, etc. Sciences physiques, etc.
 - 9 *Revue d'histoire*, n.º 156 de dezembro de 1913. L'instruction de l'infanterie au début de la guerre de sept-ans. La campagne de 1794-95 dans les Pays Bas. L'organisation de la Grande-Armée de 1813. Campagne de 1814. La Guerre de 1870-1871. La Bataille.

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.º de novembro de 1913. Gli ufficiali d'artiglieria caduti in guerra del 1706 in pei. La ventilazione artificiale nelle odierne opere permanenti di difesa. La guerra d'assedio secondo il criterio vigenti in Germania. La fortezza di Torino, l'investimento, l'assedio e la battaglia del 1706 nelle pianta della città attuale (1911). Miscellanea.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º de dezembro de 1913. Annotando «Waterloo (1815)». La manovra d'armata in Boemia-1913. Lettura della Patagonia. Dalle «Lettera della Patagonia». Psicologia militare. In Russia, Svezia e Danimarca. Il nuovo regolamento di esercizi della cavalleria giapponese. Per il miglioramento delle produzione ippica.

Mexico

- 1 *Boletín de ingenieros*, n.º 3 de noviembre de 1913. El sr. general Don Carlos Casillas. Construcción de alojamientos militares. Ferrocarriles. A través de Bolivia con una estación portatil. Método gráfico para la compensación de escaleras. Batalla de Padierna. Dos fechos gloriosos olvidados. La leyenda del Niño.
- 2 *Revista del ejército y marina*, n.ºs 11 e 12 de noviembre e dezembro de 1913. Algunas mediciones pisico-quimicas. La marina en la defensa nacional. La ultima palabra de Saumur sobre asuntos de táctica. El desarrollo del ejército argentino por el servicio militar obligatorio y sus efectos sobre la Nación. Psicología del mando en jefe. Apuntes de contabilidad militar. La tumba del Gran ejército. El sr. general de division Don Francisco de P. Trancoso. Centenario de la Academia de guerra de Berlin. Los torpedos automóviles. El nuevo cañón de campaña del ejército italiano. Lo general de división Don Ignacio Sala. El Foso.

Noruega

- 1 *Norsk militaert tidsskrift*, n.º de dezembro de 1913. Fra hostmanovrene ved 1. schweiziske division. Sverige i 1913. Spidskulen kontra det ovalt avrundede projektil. Meddelser fra ind og utland.

Perú

- 1 *Boletín del ministerio de guerra y marina*, n.ºs 20 e 21 de outubro e noviembre de 1913. Conferencias de la Escuela superior de guerra. Aeronautica. Fortificación de campaña. Selección medica de los contingentes.

Salvador

- 1 *Memorial del ejército de el Salvador*, n.ºs 9 e 10 de setembro e outubro de 1913. Planos de combate. Unos problemas tacticos. Importancia de las Hojas de Servicios. El caballo. Concurso de tiro de guerra para oficiales. Trabajos tecnicos. Programa comentado para la instrucción de las compañías de infanteria.

Rumania

- 1 *Buletinul armatei si marinei*, n.º 12 de dezembro de 1913. Excluderea «Buletinului Armatei si Marinei» dintre revistele militare. Obiectiv san subiectiv. Cronica politica. Raspuns unui raspuns. Revista Presci. Tot in jurul presei noastre. Scrisoare deschisa alui Maior Olteanu Marcel.
- 2 *Romania militara*, n.º de noviembre de 1913. Despre «Bunatate». Caracteristicile generale ale unora din institutiunile noastre militare. Apararea pe apa a Romaniei. Torpila automobila. Organizarea si utilizarea telegrafiei cu fir si fara fir si telefoniei militare. Razboiul balcanic. Note asupra operatiunilor armatei noastre in Bulgaria in anul 1913. Reflexiuni medico psihologice asupra disciplinei in armata. Rasfoind ziare si reviste romane si straine.

Uruguay

- 1 *Revista del centro militar y naval*, n.º 115 de noviembre de 1913. Notas para la navegacion a la Laguna Merim. Los soldados de la revolucion. A propósito del articulo del Alférez de navio don Atilio Frigerio sobre «Exploración de la Atmósfera con globos pilotos». Batallón «24 de Abril» 3.º de Infanteria. El examen. Sobre jueces sumerianes. Para ayudarte en el comando de tu compania. Mutua Militar Uruguay. Como deben instruir-se y reclutar-se los contadores de ejército.